

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Liliane Costa Aguirre

**A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO  
HORIZONTE: O Brasil como polo atrativo e receptor no início do Século XXI**

Belo Horizonte

2016

Liliane Costa Aguirre

**A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO  
HORIZONTE: O Brasil como polo atrativo e receptor no início do Século XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Danny Zahreddine

Belo Horizonte

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A284m Aguirre, Liliane Costa  
A migração haitiana para Região Metropolitana de Belo Horizonte: o Brasil como polo atrativo e receptor no início do século XXI / Liliane Costa Aguirre. Belo Horizonte, 2016.  
73 f. : il.

Orientador: Danny Zahreddine  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais.

1. Haitianos – Migração. 2. Brasil - Migração - Haiti. 3. Integração social. 4. Adaptabilidade (Psicologia). 5. Política internacional. I. Zahreddine, Danny. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Liliane Costa Aguirre

**A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO  
HORIZONTE: O Brasil como polo atrativo e receptor no início do Século XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

---

Prof. Dr. Danny Zahreddine - PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. Leonardo César de Souza Ramos - PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Maria da Consolação Gomes de Castro - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 14 de novembro de 2016.

*A Laís e Clara,  
pela motivação diária.*

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, expresso a minha sincera gratidão, em especial:

Ao Professor Dr. Danny Zahreddine, pela orientação, empatia e suporte diante dos desafios enfrentados.

À Professora Dr. Maria da Consolação G. de Castro, pela generosidade e disponibilidade.

À secretaria do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais (PPGRI).

A todos que torceram para que eu concluísse essa etapa e que participaram comigo dentro de sala de aula e fora, me apoiando, inclusive, para que eu pudesse estar presente.

“1. Toda pessoa tem direito a liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar”

(Artigo XIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948).

## RESUMO

Esta dissertação teve como motivação responder a seguinte pergunta de partida: por que o Brasil, em determinado momento de sua história recente, torna-se o destino migratório para milhares de haitianos. A escolha deste fluxo migratório deve-se ao fato deste ser o grupo mais representativo e de maior incremento em número de entradas no Brasil, no despertar do século XXI. Analisamos os resultados da pesquisa de campo feita com os imigrantes haitianos para o município de Contagem, Região Metropolitana de Belo Horizonte, pelo Grupo de Estudo Distribuição da População - GEDEP. A pesquisa posteriormente gerou um relatório do OIM sob o título de “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral” sob a coordenação do Professor Doutor Duval Fernandes do Departamento de Geografia da PUC Minas e tendo como pesquisadora, a Professora Doutora Maria da Consolação Gomes de Castro, do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica- PUC Minas. Analisando os dados da pesquisa citada e traçando um paralelo com a conjuntura política e econômica do Brasil no início do século XXI, levantamos as possíveis razões que motivaram a migração haitiana para o Brasil entre 2010 e 2014. A pesquisa utilizou pesquisa bibliográfica aliada aos dados empíricos, que nos mostrou em que circunstâncias a imagem positiva do Brasil construída no Haiti corrobora a decisão dos haitianos de migrarem para o Brasil, a partir de 2010, após vários acontecimentos, entre eles a catástrofe natural de um terremoto seguido de vários eventos desfavoráveis num curto período de tempo que devastou o Haiti, gerando um fluxo migratório contínuo para o Brasil.

Palavras-chave: Imigração haitiana. Migrações internacionais. Brasil. Teoria de potência.



## **ABSTRACT**

This dissertation was motivated by answering the following starting question: why Brazil, in a certain moment of its recent history, became a migration destination for thousands of Haitians. Choosing this migration flow is due to the fact that this is the most representative group that has been increasing in number of entries, in the wake of the XXI Century. We analyzed the results of a research made with Haitian immigrants in the Metropolitan Region of Belo Horizonte, by the Distribution of Population Study Group - GEDEP. This Research is carried out by GEDEP in partnership with the Department of Social Services at the Catholic University of Minas Gerais - PUC Minas, entitled "Studies on Haitian Migration to Brazil and Bilateral Dialogue " under the coordination of Professor Duval Fernandes and with the researcher, the Professor Maria of Consolation Gomes de Castro, from the course of Social Service. Through the analysis of data obtained from one of the questionnaire session applied by GEDEP with Haitian immigrants and also making a parallel with the political and economic conditions in Brazil at the beginning of the century, raising the possible reasons for migration from Haiti to Brazil between 2010 and 2014. The research combines bibliography research with empirical data to show us in what circumstances the positive image of Brazil built in Haiti supports the Haitian decision of migrating to Brazil since 2010, after several events, including a natural disaster, an earthquake, followed by several unfavorable events in a short period of time that devastated Haiti, generating a continuous migration flow to Brazil.

**Keywords:** Haitian immigration. International migration. Brazil. Power theory.

## LISTA DE SIGLAS

ABIN	Agência Brasileira de Inteligência
AC	Acre
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AM	Amazonas
BH	Belo Horizonte
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEASA	Centrais de Abastecimento de Minas Gerais
CEPAL	Comissão econômica para a América Latina
CGCE	Classificação por Grandes Categorias Econômicas
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
GEDEP	Grupo de Estudos em Distribuição Espacial da População
GIPE-DSM	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Direitos Sociais e Migração
GF	Grupo Focal
IMDH	Instituto de Migração e Direitos Humanos
MANUH	Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MG	Minas Gerais
MINUAH	Missão das Nações Unidas no Haiti
MIPONUH	Missão de Política Civil das Nações Unidas
MITNUH	Missão de Transição das Nações Unidas
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti
MRE	Ministério da Relações Exteriores
MS	Mato Grosso do Sul
TEM	Ministério do Trabalho e Emprego
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional do Migrante
ONU	Organização das Nações Unidas
PEB	Política externa Brasileira
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RN	Rio Grande do Norte
RO	Roraima

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 CAPÍTULO I – O BRASIL E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Tendências e rupturas das Migrações Internacionais Contemporâneas.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1.1 Migração de Mão-de-obra: a Teoria Neoclássica e suas vertentes .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1.1.1 – Migrações forçadas .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 O Brasil na rota das migrações contemporâneas .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2.1 O Brasil polo atrativo como potência regional e potência média emergente .....</b>	<b>25</b>
<b>3 CAPÍTULO II – BRASIL PAÍS DE IMIGRANTES .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Contexto histórico das migrações internacionais no Brasil.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1.1 O Brasil e as Migrações Sul-Sul .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 O Estatuto do Estrangeiro e as normas que regem a vida do imigrante no Brasil ....</b>	<b>40</b>
<b>3.2.1 Da Solicitação de Refúgio ao visto Humanitário .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 Conjuntura e pontos favoráveis do Brasil como destino no início do século XXI.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3.1 A imagem positiva do Brasil no Haiti: a presença da MINUSTAH e “ O Jogo da Paz “ .....</b>	<b>46</b>
<b>3.3.1.1 Panorama histórico do Haiti.....</b>	<b>47</b>
<b>3.4 Diplomacia Cultural .....</b>	<b>53</b>
<b>3.4.1 Diplomacia da bola e a estratégia da política externa brasileira.....</b>	<b>53</b>
<b>4 CAPÍTULO III – OS HAITIANOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1 Os Haitianos no Brasil: a trajetória do fluxo migratório (2010 – 2014).....</b>	<b>56</b>
<b>4.2 A evolução do fluxo migratório e transformação em fluxo permanente .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2.1 – Relatos das entrevistas dos grupos focais sobre motivos para migrar para o Brasil.....</b>	<b>59</b>
<b>4.2.2 Desdobramentos pós-imigração e tendências do fluxo migratório .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2.3 – Avaliação do processo migratório pelos relatos dos imigrantes haitianos entrevistados pelo Projeto “ Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral” .....</b>	<b>64</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
--------------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de tradição de imigrantes e ao longo de sua história acolheu em sua formação os mais diversos fluxos imigratórios refletindo seu passado colonial que construiu sua diversidade cultural. No entanto, chama atenção sua atratividade crescente à imigração num determinado momento de sua história recente, no início do século XXI. Dentre os fluxos imigratórios observados neste período, utilizaremos nesta pesquisa o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil, mais especificamente, a imigração haitiana para o município de Contagem, Minas Gerais. Desta forma tentaremos determinar quais foram as razões que tornaram o Brasil o destino permanente deste fluxo. Depois da crise financeira em 2008 que gerou uma forte recessão na economia norte-americana e abalou os mercados da zona do Euro, o Brasil destacou-se como uma economia emergente de estabilidade face à onda de desemprego e desaceleração econômica em países do chamado primeiro mundo, tornando-se um polo atrativo de novos imigrantes em busca de oportunidades de emprego. Esses acontecimentos colocam o Brasil na posição de um polo de atração não só de investimentos, mas também de técnicos, especialistas, consultores, gerentes, empresários, bem como para imigrantes sem qualificação e proveniente de países pobres, buscando melhores condições de trabalho, já que nos países desenvolvidos, destinos comuns para estes imigrantes, o cenário de desemprego evidenciava a dificuldade de recuperação econômica desses países a curto e médio prazo.

A imigração haitiana no Brasil teve seu início propriamente dito em 2010 após uma série de acontecimentos, entre eles o que teve maior visibilidade internacional foi uma catástrofe natural, o terremoto que devastou o país causando a morte de milhares de pessoas e que atingiu toda a infraestrutura econômica e habitacional local. No entanto, houve uma sucessão de eventos desfavoráveis posteriores, um surto de cólera naquele mesmo ano matou mais de 8000 pessoas e além disso em 2012, dois furacões Issac e Sandy que destruíram sua produção agrícola, principal fonte de recursos econômicos. O conjunto de situações adversas tem servido para que expressiva parcela da população abandone o país em busca de melhores condições de vida (CHAVES, 2008).

Pode-se dizer que após o terremoto estavam presentes no país com maior vigor os fatores de expulsão que contribuem para a criação e ampliação de uma diáspora (JACKSON, 2011). A inclusão do Brasil como destino no roteiro migratório chama atenção por não estar descrito nos destinos dos imigrantes anteriormente a este evento, e pode ter várias causas que serão investigadas nesta dissertação.

Não obstante, devemos levar em consideração que houve uma sensível mudança na legislação migratória dos países desenvolvidos após setembro de 2001, impondo restrições à imigração como um todo para aqueles países destino. O fato do Brasil passar a ser incluído como destino para os haitianos não é de todo algo surpreendente, mas as razões também não são evidentes, sendo mais provável uma combinação de fatores dentro de um momento de ascensão do Brasil como força regional diante de um contexto econômico favorável e com níveis baixos de desemprego. Além disso, alguns autores (FERNANDES,2010; SILVA, 2013) indicam a presença das tropas brasileiras pela MINUSTAH<sup>1</sup> como fator que dissemina a imagem positiva do Brasil no Haiti. Também é citada a realização do Jogo da Paz<sup>2</sup> e dentre outros fatores, há o entendimento de que o próprio governo brasileiro através do Presidente Lula teria feito um “convite” aos haitianos para que migrassem para o Brasil, durante visita aquele país em fevereiro de 2010 (COSTA, 2012).

No capítulo I abordaremos os fundamentos das migrações internacionais e suas teorias relevantes para esta pesquisa, evidenciando a questão do migrante que se desloca por melhores condições de vida e emprego no mundo contemporâneo. De maneira geral afirma-se que, o fluxo migratório entre dois Estados envolve os contextos político, demográfico, econômico e social, além de outros fatores como o histórico, cultural, colonial, gênero e tecnológico, por exemplo. Independentemente de ser origem ou destino os Estados envolvidos nas migrações internacionais, são afetados pelo fluxo migratório, ainda que com maior ou menor intensidade e a interação entre os mesmos passa a ser contínua e sofre ajustes constantes. Buscando uma análise mais abrangente baseada na crítica ao sistema hegemônico, no caso das Migrações Internacionais, o componente histórico é o maior recurso para entender as transformações sociais. Sob os pressupostos da Teoria Crítica aplicada ao Sistema Migratório Mundial (*Migration System*), a dinâmica de um fluxo migratório poderia afetar significativamente o desenvolvimento socioeconômico dos países envolvidos entre origem, trajeto e destino, e estabelecer novos padrões. Essa gama de variáveis permite uma avaliação mais abrangente do problema das migrações internacionais e um permite um aprofundamento na pesquisa, além de indicar um protagonismo do Brasil no cenário mundial como potência emergente, mostrando que o processo migratório é definido como um processo recíproco entre os lugares de origem,

---

<sup>1</sup> MINUSTAH - **Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti** foi criada por Resolução do **Conselho de Segurança da ONU**, em fevereiro 2004.

<sup>2</sup>Jogo da Paz - Partida de futebol entre as seleções do Haiti e Brasil, em Porto Príncipe, em agosto de 2004.

trânsito e destino em relação a seus respectivos contextos social, econômico, político e demográfico. (KRITZ; LIM AND ZLOTNIK, 1992)

Analisaremos nesta pesquisa apenas os fatores que cercam o destino deste fluxo imigratório, seu início e contexto histórico, social e político bem como seus desdobramentos diante do momento em que este fluxo se torna permanente no Brasil.

Neste sentido, afim de investigar os motivos recorrentes para este destino migratório, encaixaremos o Brasil, neste recorte temporal do início do século XXI, como uma potência média e regional baseado nos indicadores e também nos conceitos e definições de alguns autores, uma vez que ambos os conceitos de “potências médias” e “potências regionais” são construções sociais. (NOLTE, 2006).

No capítulo II Apresentaremos um contexto histórico do Brasil e as migrações internacionais, identificando seus principais movimentos de entrada e saída e concentraremos nosso foco no fluxo de entrada de maior relevância do início do século XXI, traçaremos a partir daí um histórico da imigração haitiana para o Brasil desde 2010 até 2014 e a partir de quando este fluxo tornou - se permanente para então analisarmos o caso dos Haitianos na cidade de Contagem, Minas Gerais. Nesta abordagem, a partir dos dados do senso de 2000 e 2010 do IBGE e também do Ministério do Trabalho, procuraremos traçar um padrão migratório desta população e entender os principais motivos que indicam o Brasil como um destino permanente para esta população. Segundo o Censo de 2010, nos anos 2000, principalmente na segunda metade da década, observamos um incremento nos fluxos imigratórios de estrangeiros no Brasil, ainda que alguns deslocamentos tenham sido de migrações de retorno<sup>3</sup>, que trouxeram uma parcela importante de brasileiros retornados. Esse incremento no volume das entradas, pode ser explicado, entre outros fatores, principalmente pelo desenvolvimento sustentável das atividades econômicas no Brasil neste período e pelo agravamento da crise do capitalismo no mundo desenvolvido, que atingiu profundamente países com os quais o Brasil mantinha historicamente relações de trocas populacionais (Estados Unidos, Portugal, Espanha, Japão e Itália).

No capítulo III Faremos uma análise pontual do interesse pelo Brasil como destino e dentro de um recorte geográfico da América Latina e Caribe, partindo de um caso específico neste período, o caso dos haitianos em Contagem, para analisarmos os fatores marcantes e determinantes deste fluxo migratório, desde seu início em 2010, passando pela intensificação e estabelecimento de um fluxo permanente, até o levantamento recente em 2013, mediante

---

<sup>3</sup> Migração de retorno – ocorre quando o migrante após algumas décadas retorna a seu lugar de origem.

pesquisa da população haitiana migrante que vive no local. Apresentaremos um bloco do questionário proveniente do estudo feito com a população haitiana no Brasil, os que se instalaram na cidade de Contagem, além de relatórios de centro de pesquisa, com a finalidade de levantar dados empíricos para corroborar com a análise e para entendermos as principais razões que fazem com que neste período o Brasil se torne um polo atrativo e destino permanente para este fluxo imigratório.

## **1 Capítulo I – O BRASIL E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS**

As migrações internacionais contemporâneas constituem um fenômeno transnacional importante que influencia e é influenciado pelos acontecimentos de um mundo cada vez mais interdependente e que merece atenção, sob a ótica das relações internacionais, tanto no estudo de suas configurações, como se relacionam e como interferem nos Estados de origem e destino. Os deslocamentos humanos fazem parte da história das civilizações e englobam diversas abordagens que constituem um importante fenômeno a ser analisado. De acordo com Castles e Miller (2003), as migrações contemporâneas e suas políticas são frequentemente e constantemente influenciadas por precedentes históricos. O século XXI, no entanto, com relação as migrações internacionais, lança novos questionamentos sobre sua natureza e suas causas. Se, no passado as migrações internacionais se intensificaram pelo incremento dos transportes e da tecnologia, na atualidade podemos elencar uma série de fatores e características próprias da globalização neoliberal que garante mais direitos aos capitais e às mercadorias do que aos seres humanos o que reflete a contradição entre as relações internacionais e as migrações. Agravada a situação de restrições ao migrante decorrente dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e também pela crise no final desta década envolvendo Estados Unidos e em sequência a Europa, destinos migratórios mundiais mais comuns até então, trazem à mobilidade humana novas variáveis e uma maior complexidade. Marinucci e Milesi (2005), com relação as migrações internacionais na contemporaneidade, questionam suas causalidades sobre tratar-se de um fenômeno “espontâneo” ou “induzido”? Estamos diante de migrações “voluntárias” ou forçadas”? Nesse sentido, a emigração para os Estados do Norte do mundo decorreria muito mais da crise do atual modelo de globalização neoliberal, que concentra riquezas e subordina capital produtivo e gerador de empregos ao capital especulativo. (MARINUCCI; MILESI, 2005).



Neste capítulo apresentaremos algumas considerações sobre os fundamentos das teorias de migrações internacionais, desde a teoria neoclássica e suas vertentes e o que seria mais adequado a este estudo de caso aqui analisado, da imigração haitiana no Brasil. Para apurar as possíveis causas e motivações da escolha desse destino abordaremos os conceitos de potências regionais e potências médias emergentes, analisando os fatos que ilustram o comportamento da política externa do Brasil, bem como sua situação econômica favorável no início do século XXI. Para implementar um caráter empírico à pesquisa usaremos uma possível interpretação de um estudo realizado em 2014, em forma de questionário, feito com a população haitiana estabelecida na Região Metropolitana de Belo Horizonte, selecionando as perguntas que enfatizariam a motivação de escolha do Brasil como destino.

Nesta pesquisa analisaremos as possíveis motivações da atratividade do Brasil como polo e país destino para as migrações internacionais laborais entre de 2010 e 2014. A opção pela escolha da migração haitiana deve-se ao fato desta tornar-se o grupo de maior expressão em números registrados de emissão de autorizações de trabalho neste período. Além disso, é um fator relevante para esta análise o fato de o Haiti fazer parte da região da América Latina e Caribe, que em termos de análise migratória classificaremos como uma migração inter-regional. Para fundamentar o argumento de que alguns elementos foram essenciais para construção de uma conjuntura favorável à perspectiva do migrante de optar por este destino, nos apoiaremos nos conceitos de potências regionais e potências médias emergentes e através dos autores analisaremos o que levou o Brasil a esse protagonismo internacional e consequente polo atrativo no início do século XXI.

### **1.1 Tendências e rupturas das Migrações Internacionais Contemporâneas**

A principal característica das migrações internacionais contemporâneas é que após a década de 1960 podemos dizer que há uma ruptura no padrão das migrações realizadas em épocas anteriores. Desde o século XV o padrão das migrações foi o deslocamento de pessoas de sociedades tecnologicamente mais adiantadas com destino às mais periféricas, assim ocorreram as migrações europeias para o novo mundo durante as migrações em massa do chamado *First Global Century*<sup>4</sup>

Na atualidade, há uma inversão daquela tendência e ainda o incremento de outra, onde as migrações contemporâneas se fazem, principalmente, das sociedades menos desenvolvidas para o centro, como Europa, América do Norte, Austrália e Japão de acordo com o *World*

---

<sup>4</sup> *First Global Century*- período entre 1870 e 1914 quando houve livre transição internacional de mercadorias, capital e trabalho.

*Economic and Social Survey 2004*<sup>5</sup>. Outrossim, também são frequentes as migrações Sul-Sul, como o caso abordado nesta pesquisa.

Segundo o relatório da ONU sobre *Mobilidade Humana e Desenvolvimento* ( ONU, 2015), O número de migrantes internacionais atingiu a marca de 244 milhões de pessoas em 2015 – um aumento de 41% em relação ao ano de 2000 e ainda, segundo o relatório anual “Tendências Globais” (“*Global Trends*”), que registra o deslocamento forçado ao redor do mundo com base em dados dos governos, de agências parceiras e do próprio ACNUR, aponta um total de 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2015 – um aumento de quase 10% se comparado com o total de 59,5 milhões registrado em 2014. Esta é a primeira vez que o deslocamento forçado ultrapassa o marco de 60 milhões de pessoas. As migrações internacionais, atualmente, mais que um fluxo natural de mobilidade humana, apontam muitas contradições entre as relações internacionais dos Estados e como o fenômeno cresce e se configura mundialmente, uma vez que a questão dos refugiados e das migrações torna-se pauta da agenda política dos países desenvolvidos e gera questões sociais controversas para a população mundial, como a crescente onda conservadora nesses países e a xenofobia. São causas conhecidas e aceitas para o atual processo de mobilidade humana:

- a) Transformações ocasionadas pela economia globalizada;
- b) A mudança demográfica em curso nos países de primeira industrialização;
- c) O aumento das desigualdades entre Norte e Sul no mundo;
- d) A existência de barreiras protecionistas (comércio desigual);
- e) A proliferação dos conflitos e das guerras;
- f) A urbanização acelerada;
- g) A busca por novas oportunidades e melhores condições de vida;
- h) Questões ligadas ao narcotráfico e o crime organizado;
- i) Os movimentos vinculados às safras agrícolas, aos grandes projetos de construção civil e aos serviços em geral;
- j) As catástrofes naturais e situações ambientais.

Segundo Ianni (1994), o final do sec. XX e início do sec. XXI as ciências sociais são desafiadas a pensar a globalização do mundo como a globalização das coisas, gentes e ideias. Além do que é local, nacional e regional, colocam-se novas problemáticas com a

---

<sup>5</sup> O informe está disponível em: <http://www.un.org/esa/analysis/wess/>

emergência da sociedade global. As fronteiras geográficas e históricas, culturais e civilizatórias parecem modificar-se em direções e formas inéditas e surpreendentes. O processo de acumulação no atual estágio de desenvolvimento capitalista, segundo o autor, estaria degradando o trabalhador como ser político, como sujeito da história, porque este perde o poder de reivindicação. A grande perda da classe trabalhadora no mundo inteiro é a perda ou minimização de direitos conquistados em mais de 100 anos de luta social, de forma que em pleno início do Século XXI compram-se e vendem-se trabalhadores e ainda se intensifica o tráfico de pessoas. Quando se trata da mobilidade humana, subjacente à palavra migração existiria concomitantemente uma preocupação maior com o problema social associado a ela. Nem todos os migrantes seriam “um problema social”, mas nas migrações estaria envolvido implicitamente, sem dúvida, um problema social que reside na dificuldade de inclusão do migrante e na forma patológica de sua inclusão (MARTINS, 2003).

Ainda sob a ótica da relação capital-trabalho, segundo Harvey (1992) em sua obra *A condição pós-moderna*, a mobilidade da força de trabalho diria respeito tanto a trabalhadores não qualificados quanto a qualificados no novo padrão de acumulação, o surgimento dos métodos de produção enxutos seguiria de mãos dadas com as práticas empresariais reinantes de subcontratação, terceirização, estabelecimento de negócios no exterior, consultoria, redução do quadro funcional e produção sob encomenda. Todo esse processo de transição histórica para uma sociedade informacional e uma economia global seria caracterizado principalmente, pela deterioração generalizada das condições de trabalho e também de vida para os trabalhadores. “O período de 1965/1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do Fordismo e do keynesianismo em conter as contradições inerentes ao capitalismo” (HARVEY, 1992, p. 135). Nesse sentido, a nova vulnerabilidade da mão de obra sob condições de flexibilidade imoderada não afetaria apenas a força de trabalho não qualificada, mas também as qualificadas, devido ao encurtamento do período de vida profissional (CASTELLS, 1999).

### ***1.1.1 Migração de Mão-de-obra: a Teoria Neoclássica e suas vertentes***

Segundo Massey et al. (2009), as diversas teorias migratórias são propostas para explicar um mesmo fenômeno, mas por perspectivas diferentes, o que não invalida suas possibilidades analíticas. Na presente pesquisa, para atender a demanda da pergunta de partida, optou-se por usar a classificação das teorias migratórias proposta por MASSEY et al. (2009), no que concerne às teorias de fundo causais para o fenômeno migratório. Dessa forma adequa-se a essa questão a teoria neoclássica, por seu foco no individualismo e decisão racional.

Os paradigmas da teoria neoclássica são segundo Arango (2003), aplicáveis ao fenômeno migratório de forma natural, por sua versatilidade e ainda tendo a vantagem de combinar a perspectiva micro da tomada de decisão por parte dos indivíduos com a perspectiva macro dos determinantes estruturais. Esta é uma teoria que foi aplicada ao fenômeno das migrações, ainda que inicialmente não tenha sido pensada para o mesmo. A origem da migração segundo a teoria neoclássica deve-se fundamentalmente às disparidades nas taxas salariais entre a origem e o destino, as quais, por sua vez, espelham diferenças de renda e bem-estar entre as regiões. O processo migratório irá segundo a teoria, no longo prazo, eliminar tais disparidades e atingir um equilíbrio, de forma que as migrações entre as regiões tende a cessar.

A teoria neoclássica das migrações está baseada nos seguintes pressupostos:

- a) escolha racional;
- b) maximização da utilidade esperada;
- c) mobilidade dos fatores de produção;
- d) diferenciais salariais;
- e) diferenças nas oportunidades de emprego. (ARANGO,2003)

A migração na teoria neoclássica é vista como um ato individual, espontâneo e voluntário o qual repousa na comparação entre uma situação presente (na origem) e uma situação futura (no destino) com base nos custos e benefícios. Assim, os indivíduos migram em situações nas quais é esperado um elevado retorno, após ponderarem todas as alternativas disponíveis.

No entanto, as deficiências na teoria neoclássica das migrações devem-se de certo modo a seu caráter unidimensional, mas especificamente pela exclusão da dimensão política em uma época em que sua importância tem aumentado consideravelmente (ARANGO,2003).

Ao final do século XX, a internacionalização do crescimento econômico, somado a descolonização e os processos de desenvolvimento econômico emergente no Terceiro Mundo, trouxe consigo uma intensificação das migrações tanto internas quanto internacionais. Estes fatores levam a um questionamento expressivo dos pressupostos neoclássicos, nas décadas de 60 e 70 por uma escola de pensamento que via que os processos sociais, inclusive as migrações, acabavam em conflito e não em equilíbrio, este pensamento se cristaliza na Teoria da Dependência, que postulava que a evolução do capitalismo dera lugar a uma ordem internacional, composta por um núcleo de países industrializados e uma periferia de países agrícolas vinculados por relações desequilibradas e assimétricas, onde o avanço dos primeiros dependia da exploração dos segundos, cuja condição de subordinação era por si só um obstáculo ao seu próprio desenvolvimento, e, por conseguinte, o subdesenvolvimento seria um

subproduto do desenvolvimento. A maior dificuldade no entanto da teoria neoclássica para explicar as migrações deriva da dificuldade de lidar e acompanhar as mudanças mundiais, ademais se as correntes migratórias entre países ricos e pobres se ativessem à teoria, o número de migrantes transfronteiriços deveria ser ainda maior do que se registra na atualidade, donde conclui-se que as disparidades econômicas são, sem dúvida, condição necessária para a maior parte dos fluxos migratórios, mas de modo algum podem ser consideradas suficiente para explicação do fenômeno (ARANGO, 2003).

A ausência da dimensão política restringe a teoria Neoclássica a um tipo ideal de migrante que se desloca livre e espontaneamente. No sistema internacional contemporâneo a restrição ao deslocamento é muito maior do que a livre circulação, gerando uma relação custo benefício que muitas vezes dissuade o migrante pelos obstáculos a enfrentar. Portanto, podemos afirmar que nesse contexto os fatores políticos pesam muito mais do que as diferenças salariais *per se*.

A teoria Neoclássica sem dúvida foi a pedra angular para a explicação das migrações internacionais, seus desdobramentos também colaboraram para o surgimento de novos conceitos e teorias, umas mais específicas com relação a origem e outras com relação ao destino, analisando de forma unilateral o fenômeno não sendo aplicáveis de forma mais ampla.

Ao tratarmos das migrações internacionais contemporâneas, é importante ressaltar a teoria que surge em meados dos anos 1960, a Teoria do Sistema-Mundo elaborada pelo historiador e sociólogo Immanuel Wallerstein (1974), que se baseia na noção de um sistema mundial moderno dividido em três esferas concêntricas : centro, periferia e semiperiferia abordando uma variável histórica para explicar a formação deste sistema mundo a partir da acumulação de capital e portanto formação do centro no século XVI, de predominância europeia. Esta teoria servirá de base para a Teoria da Dependência nos anos 1970. A explicação central desta vertente mostra que as migrações transnacionais ocorrem fundamentalmente pela extensão do modo de produção capitalista dos países do centro aos da periferia, com a conseguinte incorporação de novas regiões a uma economia mundial cada vez mais globalizada.

Para compensar a diminuição da taxa de benefícios a medida que aumentam os salários e acumulam benefícios adicionais, os países do centro intervêm nos da periferia em busca de matéria-prima e mão de obra barata (MASSEY *et al.*, 2009).

Nos países do centro, tais migrantes encontram emprego em setores que precisam de uma mão de obra barata para poder manter a alta taxa de benefícios. As migrações funcionam, assim, como um sistema de oferta a nível mundial (SASSEN, 1988).

Segundo Arango (2003), a teoria do sistema mundo é muito abrangente não só ao fenômeno das migrações, porém em sua crítica observa que a mesma pressupõe que todos os Estados passam por um mesmo processo de desenvolvimento de forma rígida dentro do desenvolvimento histórico regida pela lógica da acumulação capitalista. Ademais, a teoria só é aplicável no plano mundial macro, já que os países da periferia não estão totalmente ou de forma homogênea integrados ao sistema capitalista mundial.

Um importante elemento característico das migrações internacionais, é sem dúvida o estudo das redes de contato e informações (*networks*) que podem ser definidas como um conjunto de relações interpessoais que vinculam os imigrantes a emigrantes retornados ou a candidatos a emigração de parentes, amigos ou compatriotas, quer seja no Estado de origem ou de destino.

Segundo Douglas Massey (2009), as redes ajudam a diminuir os custos migratórios e as incertezas podendo frequentemente induzir à emigração. As redes migratórias podem ser vistas como uma forma de capital social, a mediada que trata de relações sociais que permitem acesso a outros bens de importância econômica, tais como empregos e melhores salários (MASSEY et al. 2009). As redes podem ter um efeito multiplicador nas migrações internacionais.

A escolha dos destinos nas migrações internacionais pode ser analisada mediante fatores inerentes as facilidades que levam o migrante a se deslocar para um determinado destino, no entanto é sempre considerada uma escolha racional segundo a teoria neoclássica. A explicação neoclássica tem a vantagem de combinar a perspectiva micro, da adoção das decisões por parte dos indivíduos, com a perspectiva macro, dos determinantes estruturais (ARANGO, 2003).

#### *1.1.1.1 – Migrações forçadas*

Segundo Marinucci e Milesi (2005), verifica-se na atualidade, uma aproximação entre a condição do migrante “econômico” e a dos refugiados, o que leva muitos países a considerar o status de migrante os solicitantes de asilo, até que se prove o contrário. O empobrecimento do Sul do mundo leva cada vez mais a migrações “forçadas”, e muitas vezes se confunde a condição de refugiado e migrante. Entendendo-se a migração a partir de uma lógica de atração e repulsão, verifica-se contemporaneamente o aumento do número dos fatores de repulsão de pessoas e, conseqüentemente, de migrantes forçados. Combinando-se esses dois fatores tem-se um cenário no qual a migração regular encontra-se limitada, enquanto o número de pessoas forçosamente deslocadas cresce numa proporção sem precedentes. Isso se agrava caso levarmos em consideração as lacunas legais de proteção a essas pessoas, pois, a única forma de proteção

obrigatória a migrantes forçados encontra-se no Direito Internacional dos Refugiados, que possui categorias limitadas de inclusão. Dentre os migrantes forçados que precisam ser destacados enquanto “novos fluxos” encontram-se os deslocados internos, os deslocados ambientais e as pessoas que precisam de proteção humanitária, como as vítimas de tráfico de pessoas.

Segundo o ACNUR<sup>6</sup> é considerado refugiado o indivíduo que tenha fundamentado temor de perseguição em virtude de sua raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a certo grupo social, que esteja fora de seu território de origem, que necessite de proteção internacional e que mereça a proteção internacional.

O Direito Internacional dos Refugiados é uma vertente do Direito Internacional de Proteção da Pessoa Humana e tem por objetivo elaborar e implementar mecanismos de proteção às pessoas deslocadas em função de temor de perseguição e, assim, efetivar o direito de asilo.

Os deslocados ambientais, por exemplo, entendidos como “pessoas que foram forçadas a deixar seu habitat natural, temporária ou permanentemente, em razão de uma determinada ruptura ambiental (natural ou ocasionada pelo homem), que ameaçou sua existência ou afetou seriamente sua qualidade de vida”, cada vez mais presentes em função das mudanças climáticas e dos desastres naturais, muitas vezes provocados pela ação humana, não são protegidos pelo instituto do refúgio. Sendo o Direito Internacional dos Refugiados a única forma de proteção obrigatória na atualidade, é preciso verificar se o mesmo permite a proteção de todos os migrantes forçados. Observamos, no entanto, que há desafios tanto relativos aos limites da própria definição de refugiado quanto aos novos fluxos migratórios existentes em suas particularidades.

O Brasil é um País conhecido na atualidade por ter um dos maiores índices de aprovação das solicitações de refúgio que recebe. Com a promulgação da Lei 9.474/1997, o Brasil passou a ter um dos mais modernos instrumentos jurídicos de proteção aos refugiados. Além de contemplar os princípios internacionais referentes à temática (Estatuto dos Refugiados das Nações Unidas de 1951 e de seu Protocolo de 1967), incorpora outros princípios contemporâneos da proteção dos refugiados, como a violação massiva e generalizada de direitos humanos. A Lei 9.747/1997, também instituiu a criação do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE). Segundo o CONARE, o número de refugiados no Brasil, em 31 de dezembro de 2009, era de 4.261, dos quais, 3.859 (90,5%) são refugiados em primeiro país de asilo e 402 (9,5%) são refugiados reassentados. Esses números tornam-se cada vez mais expressivos apesar

---

<sup>6</sup> ACNUR – Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados

de após sua entrada no país, o imigrante enfrenta várias dificuldades pela falta de políticas públicas específicas para sua condição, deixando esse acolhimento em aberto e de certa forma tornando o imigrante desamparado em seu destino, sujeito a uma nova luta por reconhecimento de direitos após sua entrada no país, que perante a legislação são quase que equiparados aos cidadãos contanto que este imigrante esteja dentro dos parâmetros de legalidade, mas que de fato estão mais sujeitos ao abandono e lutam individualmente por um lugar na sociedade local.

## **1.2 O Brasil na rota das migrações contemporâneas**

No Brasil, observamos historicamente as diferenças entre os fluxos de entrada e saída, que acompanharam diferentes ondas migratórias, inicialmente compondo sua miscigenação étnica e cultural até o recente e intenso fluxo de emigração, no século passado na década de 80, exportando muita gente para os países do Norte, principalmente para os Estados Unidos da América e Europa, e, não obstante para a América Latina. A relação entre os fluxos na atualidade se apresenta de forma complexa já na primeira década do século XXI evidenciando uma alternância simultânea entre fluxos de entrada e saída, mas com ênfase aos novos fluxos de entrada de nacionalidades diversas das tradicionais ao longo de sua história.

Os direitos do estrangeiro no Brasil são limitados pela Constituição Federal e pelo Estatuto do Estrangeiro e a principal limitação consiste na impossibilidade de aquisição de direitos políticos. Existem diversos tipos de vistos no Brasil temporários ou permanentes e os vistos de entradas se dividem em: de turista, de trânsito, de cortesia, oficial ou diplomático. O visto pode ser ainda individual ou extensivo aos dependentes daquele considerado titular. As diferenças aplicáveis são que no visto permanente o estrangeiro tem intenção de permanecer definitivamente no país e o imigrante poderá obter cédula de identidade para estrangeiros. Já no visto temporário, o estrangeiro tem ânimo de permanência temporário, não sendo possível a prestação de trabalho remunerado. De acordo com o art. 51 da Lei 6.815/1980 um estrangeiro que tenha visto permanente e venha a se ausentar do Brasil poderá ainda regressar dentro de dois anos independentemente de visto.

Para o caso aqui abordado nesta pesquisa, a imigração haitiana para o Brasil, foi criado ainda uma categoria inédita até então, o visto humanitário. A especificidade do mesmo decorre de os haitianos que aqui chegaram à fronteira, solicitavam refúgio e com um número de protocolo da solicitação adentravam o país e conseguiam documentos provisórios. No entanto não se encaixavam na definição de refugiados, uma vez que não eram perseguidos em seu país de origem. Dessa forma a iniciativa do governo brasileiro foi de inclusão destes imigrantes que



já se encontravam em território brasileiro bem como os que tivessem intenção de migrar a partir de então solicitariam o visto humanitário em seu próprio país, no Haiti.

**Tabela 1 - Autorizações concedidas a estrangeiros.**

Países	2011	2012	2013	2014
<b>Haiti</b>	<b>708</b>	<b>4825</b>	<b>2069</b>	<b>1890</b>
Bangladesh	-	1	6	1188
Senegal	1	-	88	320
França	120	159	223	78
Portugal	52	75	108	77
Paquistão	-	-	20	77
Itália	57	66	86	65
Espanha	55	67	75	44
Reino Unido	42	50	60	24
Colômbia	15	25	19	22
Argentina	3	1	18	18
Alemanha	21	28	32	17
México	14	14	47	16
Holanda	12	16	16	10
EUA	60	70	60	36
Canadá	81	82	52	7
Austrália	18	18	14	6
Venezuela	5	13	18	5
Rússia	20	20	15	2
Outros	166	236	221	566
<b>Total</b>	<b>1450</b>	<b>5766</b>	<b>3291</b>	<b>4468</b>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) /Ministério do Trabalho e Emprego, 2011- 2014.

Segundo o Conselho Nacional de Imigração - CNIg<sup>7</sup>. A República do Haiti foi o país para o qual os maiores números de autorizações de trabalho foram concedidas, totalizando 9.492 na série histórica de 2011-2014. O ano de 2012 foi o que concentrou 51% do total das autorizações concedidas aos haitianos. Segundo o relatório do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais) observamos, no entanto, uma queda de 57% quando comparamos os dados de 2013 em relação aos de 2012. Houve, também, um decréscimo de 10% quando comparado com o número de autorizações concedidas a essa nacionalidade entre 2013 e 2014. Em segundo lugar, com um crescimento exponencial, encontramos Bangladesh. Em 2011 não havia nenhum caso registrado de autorizações para nacionais desse país e em 2012 apenas um. Entretanto, em 2013, foram 46 casos e, somente em 2014, foram registrados 1.188 casos, o que significou um crescimento de 96% de 2013 para 2014. Em terceiro lugar, em 2014, aparecem os nacionais do Senegal, com um crescimento de 72%. Em 2013, foram 88 autorizações e em 2014 subiu para 320. É relevante, ainda, destacar que esses três países – República do Haiti, Bangladesh e Senegal – tiveram todas as suas autorizações contempladas através da RN27, que disciplina sobre a avaliação de situações especiais e casos omissos. No total, foram 13.161 autorizações concedidas pelo CNIg, de 2011 a 2014, por essa RN, correspondendo a 87% do total de autorizações concedidas.

### ***1.2.1 O Brasil polo atrativo como potência regional e potência média emergente***

Em sua tese Cornelia Huelsz (2009) desenvolve um conjunto de hipóteses acerca das características que seriam o perfil de uma potência emergente sobre vários aspectos, contrastando-as com atributos e descrições elaboradas para definir as potências médias e as potências regionais. Segundo a autora, uma potência emergente teria uma forte identidade internacional, a qual estaria baseada na compreensão interna da posição do país no sistema internacional. Além disso, estaria a mesma situada em um contexto estrutural diferente daquele das economias industrializadas, mas possuiriam capacidades materiais que lhe permitiria influenciar na economia global. Contudo, também se preocupariam em envolver-se com tópicos da agenda internacional diferentes daqueles das potências médias. Adotariam estratégias de ação reformistas e, finalmente, seriam também potências regionais.

---

<sup>7</sup> CNIg – Conselho nacional de Imigração - é instância de articulação da Política Migratória Brasileira, em especial da Política de Migração Laboral, por meio de diálogo permanente com a Sociedade Brasileira.

Para Detlef Nolte (2010) o que diferencia uma potência regional de qualquer outra potência média é a aspiração de liderança, aqui poderíamos certamente destacar toda a diplomacia e política externa do governo Lula no sentido de projetar o Brasil como um importante ator no sistema internacional aproveitando-se de uma condição econômica favorável, além de níveis baixos de desemprego no país neste período. Para Nolte, a região é percebida como peça fundamental na inserção internacional desses países, seja pelo potencial de ampliar sua base de poder ou pelos riscos inerentes. O maior engajamento desses países em seus respectivos entornos evidencia a intenção de consolidar uma área de influência própria e, por vezes, de construir ordens subsidiárias.

Detlef Nolte (2006) oferece um quadro analítico para estabelecer critérios de definição do que constitui uma potência regional e quais são os aspectos esperados sobre seu comportamento em seu horizonte geográfico. São eles:

- a) Pretensão de liderança,
- b) Recursos disponíveis,
- c) Influência sobre os vizinhos.

Em primeiro lugar, segundo o autor, uma potência regional seria um Estado que articula a pretensão de uma posição de liderança em uma região que é geográfica, econômica, ideológica e politicamente delimitada. Há dois componentes nesse critério. Um deles faz referência à própria noção de região. Para que haja uma potência regional então, é necessário que haja uma região claramente reconhecível, seja pela maior intensidade de fluxos, maior interdependência ou por suas estruturas políticas que as distinguem de outras áreas. O outro componente refere-se à potência regional. Esta é definida por sua aspiração à liderança regional, ou seja, o estado considera a região parte importante de sua inserção internacional e decide intensificar seu engajamento com a vizinhança. No entanto, o papel de protagonista almejado pela potência está relacionado com suas outras duas características essenciais. A potência regional normalmente é o país mais poderoso da região. O segundo critério oferecido pelo autor é de que o Estado apresente recursos materiais (militares, econômicos, demográficos), organizacionais (políticos) e ideológicos para projetar seu poder regionalmente (NOLTE, 2006). A potência regional é um Estado capaz de influenciar amplamente o destino da região. Esse é o terceiro critério de definição oferecido pelo autor. O país deve ter forte peso sobre a maior parte dos negócios da região.

Fazendo uma analogia desses pontos, o Brasil com um PIB de 2,143trilhões de dólares em 2010, com um crescimento de 7,5%, a maior alta desde 1986, segundo o IBGE<sup>8</sup>, além disso a taxa de desemprego foi a menor em oito anos, de 6,7% em 2010 comparado a 8,1% em 2009. O crescimento de 7,5% da economia brasileira em 2010 só perdeu para China e Índia, segundo ranking apresentado pelo IBGE com base em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). Os chineses elevaram em 10,3% o PIB, e os indianos, em 8,6%. De acordo com IBGE, a economia mundial cresceu em média 5% no ano de 2009. De acordo com o IBGE, o desempenho do PIB brasileiro superou o da Noruega (6,1%), México (5,5%), Japão (3,9%), Rússia (3,8%), Alemanha (3,6%) e Estados Unidos (2,9%), entre outros. A União Europeia avançou 1,7% no período, enquanto Espanha e Grécia reduziram o PIB em 0,1% e 4,5%. Diante destes números, o Brasil torna-se mais proeminentemente um polo atrativo e destino nas imigrações internacionais intra-regionais no início do século XXI, por obedecer aos três critérios que definem uma potência regional segundo Nolte. A região de influência neste caso seria a América Latina e Caribe, a aspiração de liderança se evidencia pela postura do Brasil na participação e liderança no MERCOSUL ( Mercado Comum do Sul) e questões regionais e com os vizinhos. Além disso, a política externa do governo Lula, com características expansionistas reforça a presença em fóruns internacionais e promove mediações entre questões internacionais como a do Irã com relação ao acesso a armas nucleares para marcar presença no cenário internacional e pleitear a um assento no Conselho de Segurança da ONU. Os recursos disponíveis dizem respeito a favorável situação econômica que atravessara o país e níveis de desemprego muito baixos neste período que proporcionam um destaque internacional e poder de influência regional.

Segundo Jordaan (2003), a tentativa de se identificar um Estado como uma potência média (*middle power*) perpassa por pelo menos uma, ou a combinação destas, das seguintes características:

- a) a capacidade do Estado;
- b) sua posição na Ordem Mundial;
- c) composição normativa do complexo: potência – média x Estado - social;
- d) interesses domésticos e o papel e influência daqueles que fazem a política externa (*policy-makers*).

---

<sup>8</sup> IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística

No entanto, estas características ou parte delas são muitas vezes difíceis de serem identificadas nos Estados por serem muitas vezes subjetivas. O autor então destaca que a solução encontrada pelos teóricos é de identifica – las pelo comportamento de suas políticas externas. Neste sentido, uma grande proporção das chamadas potências médias tem em comum uma política externa que vai além de suas imediações geográficas e de seus interesses diretos. Este aparente altruísmo no comportamento da política externa que não reflete ganhos imediatos e evidentes faz com que estes Estados sejam vistos como “bons cidadãos” pela Sociedade Internacional. Esta imagem, no entanto, revela uma estratégia conservadora num nível mais profundo de perpetuação do *status quo* para obtenção de benefícios diante de sua posição na Ordem Mundial e assim agindo como estabilizadoras e legitimadoras da mesma. Neste sentido, segundo o autor, uma potência média adota um “estilo ativista” e interfere em questões globais, que vão além de seu interesse imediato. As potências médias vêm as instituições e participação em fóruns como um meio de propagar seu internacionalismo já que têm uma capacidade limitada de enfrentar mudanças globais mais significativas. Como veremos a seguir, no caso aqui abordado, a imagem positiva do Brasil frente ao Haiti, decorre principalmente do seu protagonismo no cenário internacional.

A política externa do governo Lula em oito anos de mandato, segundo MYAMOTO (2011), agiu buscando tirar proveito da conjuntura internacional para alavancar a inserção do Brasil no jogo mundial de poder, ainda que algumas vezes de forma ambígua. A América do Sul converteu-se em seu espaço principal de operação hemisférica, na busca pela liderança regional. Porém, apesar de muitas vezes vigorosamente defendida em discursos presidenciais, essa terminologia aos poucos foi sendo excluída do vocabulário brasileiro, motivada pela forte reação dos vizinhos, contrariados com a pretensão do Palácio do Planalto. (MYAMOTO, 2011).

Missões de paz no Haiti, no continente africano ou no Timor Leste, transformaram-se em outros recursos utilizados para mostrar que o país não se encontrava interessado apenas em ver atendidas suas demandas particulares. O Brasil procurava, com esse comportamento, e canalizando recursos para países em desenvolvimento, apresentar-se à comunidade internacional como nação adulta, portanto responsável, e preocupada em resolver pelo menos parte das grandes dificuldades que afetam parcela significativa da Humanidade, e que encontravam pouca receptividade por parte das grandes potências. (MYAMOTO, 2011, pag 126)

Segundo Jordaan, mesmo as potências médias emergentes que teriam como pressionar a hegemonia vigente, por serem regionalmente dominantes pertencendo a uma semiperiferia não abrem mão dos privilégios dos quais se beneficia. Porém todas as características inerentes às potências médias não são determinantes para seu internacionalismo o que evidencia aqui o

papel do *policy-maker* e a diplomacia da era Lula como motora para esse protagonismo emergente do Brasil.

## 2 CAPÍTULO II – BRASIL PAÍS DE IMIGRANTES

O Brasil, assim como os demais países do continente americano, tem uma tradição imigratória em sua formação, visto que recebeu uma grande quantidade de imigrantes ao longo de sua história. Sua formação social, no entanto, foi sempre marcada por intensos deslocamentos populacionais em seu território, resultado de uma ocupação europeia e como consequência, de um processo de exploração econômica, primeiro mercantilista e depois agro - exportadora que perduraria até os anos 30 do século XX. (FURTADO, 1967).

Segundo Patarra (2005), nos anos 1980, ainda que o país tenha se convertido em destino para novos fluxos migratórios, começa a tomar força, pela primeira vez, uma constante saída de brasileiros com destino ao exterior. Esta nova onda chama a atenção, pois entre os três grandes países receptores de população das Américas - Brasil, Estados Unidos e Canadá - os dois últimos não apenas mantiveram seu saldo positivo como ainda superaram, no mesmo período, os fluxos registrados no final do século XIX e início do século XX. No entanto, entre os países da América Latina, O Brasil foi o último a entrar nesta tendência de emigração rumo ao primeiro mundo a partir de 1980, já que nesse período observa-se pela primeira vez uma saída significativa de sua população. (PATARRA,2005).

Durante os anos 1990, o fluxo de brasileiros rumo ao exterior, além de continuar com a mesma intensidade ainda apresentou um novo componente, a migração de retorno. Anteriormente no Brasil, com exceção a estudantes e profissionais de alguma área de ponta, a saída de nacionais só existira durante o regime militar com os refugiados políticos que foram expulsos do país. No entanto, a saída de brasileiros para o exterior não constituiu uma inversão de tendência apenas, de um país de imigração para um país de imigração, ou que, o país teria passado de receptor a expulsor de população. O que ocorreu, de fato, é que as variáveis se tornaram mais complexas e o contexto apresentava a inclusão de dimensões importantes, tanto interna como internacionalmente, o que tornava o cenário muito distinto do que acontecera anteriormente no passado. (SALES,1999).

Segundo Patarra (2005) com exceção à emigração dos “brasiguaios”, não eram os mais pobres que migravam em sua maioria, mas sim uma camada da população composta por jovens adultos de camadas médias urbanas.

ao contrário de algumas análises conjunturais que associavam a saída de brasileiros à década perdida (anos 80) ou à conjuntura do Governo Collor, esse estudo caracterizava a questão social como inerente à nova etapa da globalização e afirmava que, portanto, esta tinha “vindo para ficar”; (PATARRA, 2005, p.25).

Na questão da emigração rumo ao Primeiro Mundo, por exemplo, a questão dos serviços que exigem baixa qualificação, porém uma melhor remuneração e que atraíam principalmente os jovens, ilustra modalidades de movimentos populacionais emergentes no contexto do capitalismo internacional e da globalização atual, a configuração do mercado dual (PIORE, 1979), bem como a entrada de pessoal técnico-científico qualificado, situações de fuga de cérebros concomitante com a “invasão de cérebros”<sup>9</sup> de países vizinhos nos anos 70, de modo que todas estas situações passam a fazer parte do fenômeno migratório. Nas últimas décadas do século XX se tornaram expressivas as entradas de migrantes latino americanos, principalmente bolivianos, bem como fluxos provenientes de países africanos – principalmente Angola.

Portanto, mesmo sendo o Brasil, um país historicamente receptor de importantes fluxos internacionais anteriormente, com saldos migratórios positivos significativos no passado, apresenta uma importante perda migratória nos anos 80, de quase 2 milhões de pessoas, experiência provavelmente repetida nos anos 1990 (CARVALHO, 2005).

O século XXI inicia-se com novas ondas migratórias, envolvendo novos imigrantes de diferentes origens, O Brasil passa a ter um protagonismo internacional e além da participação constante em fóruns internacionais, é signatário de vários tratados que provavelmente o tornasse um destino atraente. De acordo com a ACNUR, dados de 2015, existem cerca de 2 mil refugiados sírios no Brasil. Considerando a existência de 59,5 milhões de refugiados no mundo, pode-se concluir que o Brasil abriga, portanto, apenas 0,06% dessa população. Isso significa que o país tem atraído um contingente numericamente pouco expressivo de refugiados, mesmo tendo maior potencial para fazê-lo. Com relação aos sírios, especificamente, se considerarmos a presença histórica desse povo como uma das comunidades imigrantes de maior participação e proeminência econômica, e política no Brasil, o potencial de atração poderia ser ainda maior. A crise econômica de 2008, iniciada pelos Estados Unidos e suas consequências e a crise dos países Europeus contribuíram em grande medida para isso. De modo geral, as crises funcionam como fator de expulsão dos fluxos migratórios.

---

<sup>9</sup> “fuga de cérebros” - é uma emigração em massa de indivíduos com aptidões técnicas ou de conhecimentos, normalmente devido a fatores como conflitos étnicos e guerras civis, falta de oportunidade, riscos à saúde e instabilidade política nestes países.

Segundo Patarra (2005), a nova questão social que envolve os movimentos migratórios de e para o Brasil no final do século XX foram inseridos na reestruturação produtiva em nível internacional, onde a crise financeira, o estancamento do processo de desenvolvimento, o excedente de mão de obra crescente, a pobreza, a ausência de perspectiva de mobilidade social, entre outros fatores se destacam. As migrações laborais são, portanto, resultado da desigual distribuição do capital e do trabalho, e que ainda ao caso aqui analisado da migração haitiana, soma-se o fato de uma catástrofe natural arrasar a infraestrutura local (PATARRA,2005).

## 2.1 Contexto histórico das migrações internacionais no Brasil

Para traçarmos um panorama mais abrangente, historicamente destacam-se no Brasil, dois grandes momentos das migrações internacionais: o chamado período clássico, que se estendeu de 1870 a 1970, e o período recente, sendo que este último compreende tanto movimentos de emigração como de imigração. (PATARRA, 2005)

Até o pós- Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi o destino definitivo de cerca de 5,1 milhões de imigrantes que saíram da Europa e Ásia. Com relação aos outros países, em especial aos da América do Norte, o ciclo de migrações internacionais em direção ao Brasil, começou mais tarde, ganhando força apenas no final do século XIX. Todavia, o mesmo prolongou - se até o final da década de 1960, sendo de grande importância a chegada de novos imigrantes após a Segunda guerra Mundial. Esta relevância deve-se a relação deste fluxo migratório com o processo de industrialização brasileiro. Levando – se em conta o fato de que durante a década seguinte, nos anos 70, os fluxos internacionais para o Brasil foram pouco expressivos, considera-se então, a partir deste ponto, que o país, tem uma população fechada<sup>10</sup> que encerra o período clássico das migrações internacionais no país. (PATARRA, 2005)

Por outro lado, a imigração de deslocados e refugiados de guerra, apontava para a inserção dos movimentos migratórios na nova configuração econômica que marcaria as relações internacionais no pós-guerra e da qual fizeram parte os investimentos em regiões periféricas do globo com a instalação das companhias multinacionais. No plano interno a

---

<sup>10</sup> População fechada - em uma região que não haja imigração ou emigração, o crescimento populacional é dado somente pela diferença entre as pessoas que nascem e as que morrem. Este tipo de população, que é conhecida como **população fechada**.



imigração representava uma expressão do projeto de transnacionalização da economia brasileira (PAIVA, 2008).

Nos anos 80, ainda que o país tenha se convertido em destino para novos fluxos migratórios, começa a tomar força pela primeira vez uma constante saída de brasileiros com destino ao exterior. Esta nova onda chama a atenção, pois entre os três grandes países receptores de população das Américas - Brasil, Estados Unidos e Canadá - os dois últimos não apenas mantiveram seu saldo positivo como ainda superaram, no mesmo período, os fluxos registrados no final do século XIX e início do século XX. (PATARRA, 2005)

Porém, segundo Carvalho (2005), entre os países da América Latina, O Brasil foi o último a entrar na tendência de emigração rumo ao primeiro mundo a partir dos 1980, já que foi nesse período que, pela primeira vez, verificou-se uma saída significativa de sua população. Durante os anos 90, o fluxo de brasileiros rumo ao exterior, além de continuar com a mesma intensidade ainda apresenta um novo componente, a migração de retorno<sup>11</sup>. Estas novas correntes, porém, por serem compostas de indocumentados, escapam às estatísticas oficiais. Assim, mesmo sendo o Brasil, um país historicamente receptor de importantes fluxos internacionais anteriormente, com saldos migratórios positivos significativos no passado, apresenta uma importante perda migratória nos anos 80, de quase 2 milhões de pessoas, experiência provavelmente repetida nos anos 90 (CARVALHO, 2005).

Já no período recente, o contexto internacional da globalização trouxe transformações das mais significativas nas questões econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais, para os movimentos internacionais de população de e para o Brasil. Após quase cem anos de imigração internacional massiva, os anos 80 e 90 do século XX trouxeram à tona a questão das migrações internacionais para o país, inserindo-se agora neste novo momento da história das migrações internacionais, não só a saída de brasileiros para o exterior bem como a entrada de novos contingentes de estrangeiros.

O marco para essas novas migrações internacionais acontece no país, na segunda metade dos anos 80 correspondendo ao início do período de crise econômica que atravessou o Brasil. Embora as causas de saída de brasileiros para o exterior sejam coincidentes nos dois casos: expansão de fronteiras e novas migrações internacionais, já que podemos considerar vários fatores de expulsão semelhantes (desemprego, falta de perspectiva de vida, baixo rendimento

---

<sup>10</sup> Migração de retorno – É o deslocamento de indivíduos naturais de uma unidade geográfica que durante algum tempo residiram em localidades distintas do local de nascimento e que, no momento da realização do Censo Demográfico, residiam na unidade geográfica de origem novamente.

salarial, entre outros), no segundo caso há uma predominância de jovens, na busca de uma ascensão social que lhes foi barrada no Brasil. Também presente a participação de grupos oriundos da classe média, mesmo que essa imigração represente um retrocesso do status social que tinham no Brasil. ( CARVALHO,2005).

O fenômeno que abrange e se denomina como “novas migrações internacionais” possui mecanismos de translação distintos daqueles conhecidos como apenas uma simples expansão de fronteira. Neste caso, a transferência de pessoas acontece preponderantemente das áreas urbanas brasileiras para as cidades dos países de industrialização avançada (SALES 1995; MARGOLIS, 1996).

Segundo Sales (1999), os imigrantes na sua maioria ilegal, os arranjos e, muitas vezes, a logística exigida para esta imigração são caras, planejadas com antecedência e contam ainda muitas vezes com o apoio de um imigrante precedente, que tem algum tipo de relacionamento com aquele que deixara o Brasil. A diferença fundamental entre essas duas linhas de migração é que, na segunda, a corrente migratória que se forma não cria conflitos sociais graves para o país de destino que carece de uma mão de obra não especializada para a realização de serviços gerais e estão aptos a absorver as possíveis diferenças sociais dos recém-chegados( SALES, 1999).

A emigração brasileira para os Estados Unidos se acentuou em meados dos anos 80, esta foi uma migração preponderantemente indocumentada, com participação de homens e mulheres predominantemente de classe média e classe média baixa. Trabalhar alguns anos, poupar o que se ganhou e retornar ao Brasil tendo aumentado seus rendimentos era a principal motivação dos emigrantes. Pôde-se constatar uma maior concentração de brasileiros nas cidades de Nova York, Miami, Boston e São Francisco, embora observou - se uma menor concentração também nas cidades de Atlanta, Chicago, Washington DC, entre outras. No Brasil, embora este movimento emigratório tenha começado em Governador Valadares (MG), sendo este o principal ponto de partida, no decorrer dos anos 90, quase todos os estados brasileiros se transformaram em portas de saída para os Estados Unidos. As principais ocupações exercidas pelos brasileiros nos Estados Unidos eram: limpeza, ajudante de cozinha, garçom, entregadores de pizzas e jornais (MARTES, 2008).

De acordo com estudo da CEPAL (2002, p. 77) a economia mundial é um 'campo de jogo' essencialmente desnivelado, cujas características distintivas são a concentração do capital e a predominância no comércio de bens e serviços. Essas assimetrias características da ordem global constituem a base das profundas desigualdades internacionais em termos de distribuição de renda. Segundo este estudo, os países ricos saem em clara vantagem nesta etapa da

globalização, além disso, tais vantagens só tendem a aumentar com o tempo, pois os mecanismos de mercado geralmente reproduzem, e inclusive ampliam as desigualdades existentes nos planos nacionais e internacionais (CEPAL, 2002, p. 88).

Segundo Sasaki (1999), ainda que as levas migratórias Brasil- Estados Unidos e Brasil-Japão tenham ocorrido praticamente ao mesmo tempo, na década de 80, constituem tipos diferentes, já que, no segundo caso, trata-se de uma migração de retorno e com apoio institucional do governo do Japão. Se por um lado o Brasil possuía, na época, 1,3 milhões de descendentes de imigrantes japoneses, sendo que na cidade de São Paulo encontrava-se a maior concentração mundial de japoneses fora do Japão. Por outro lado, residem atualmente no Japão cerca de 200 mil nipo-brasileiros de segunda e terceira geração. Os chamados *dekasseguis*<sup>12</sup> recebem um visto regular de entrada no Japão, como trabalhadores temporários, são geralmente recrutados no Brasil, para trabalharem na indústria automobilística japonesa. Os nipo-brasileiros representam atualmente o terceiro maior grupo de imigrantes recentes no Japão e concentram-se nas cidades de Aichi (41mil), Shizuoka (31mil) e Nagano (15mil) (SASAKI, 1999).

Na América Latina, destaca-se a emigração brasileira com destino ao Paraguai, representando o segundo maior movimento migratório, com aproximadamente 350.000 brasileiros atualmente residindo neste país. Iniciada em 1970, a emigração brasileira com destino ao Paraguai subdivide-se em três categorias básicas, segundo Tomás Palau (2011), pequenos e médios empresários que saíram do sul do Brasil com o objetivo de comprar terras a preços mais baixos; pequenos arrendatários; trabalhadores diaristas que emigram para trabalhar na agricultura e trabalhadores agrícolas sem-terra. Em termos gerais, trata-se de fluxos rurais e fronteiriços, havendo constantes denúncias de exploração, maus tratos e trabalho forçado. São trabalhadores com baixa qualificação e baixo nível de instrução, predominantemente indocumentados. (PALAU, 2011).

A outra face dessa nova migração internacional, que nesta pesquisa abordaremos, é a entrada recente de estrangeiros no Brasil no final do século XX, oriundos de novos países de origem. Considerando o contingente de estrangeiros no País neste período, nota-se no entanto, um decréscimo nesse contingente por se tratar do total de estrangeiros independente do tempo

---

<sup>12</sup> *Dekasseguis* – O verbete *dekassegui* é utilizado no Japão para designar todos trabalhadores estrangeiros residentes no Japão, tenham ou não ascendência japonesa. Os japoneses que já migraram de províncias distantes para trabalhar nos grandes centros - como Tóquio e Osaka - também são chamados de *dekasseguis*. Traduzindo para português, *dekassegui* equivale a trabalhador migrante.

de residência: de 912 mil pessoas em 1980 para 651 mil pessoas em 2000, representando apenas 0,38% de sua população total, como podemos observar na Tabela 2.

**Tabela 2 - População Estrangeira e População Total  
Brasil – 1900 - 2000**

<b>ANO</b>	<b>População estrangeira (N<sup>os</sup> Absolutos) (A)</b>	<b>População Total Brasil (N<sup>os</sup> Absolutos) (B)</b>	<b>Proporção de estrangeiros (A/B) (%)</b>
<b>1900</b>	1.074.511	16.364.923	6,16
<b>1920</b>	1.565.961	29.069.644	5,11
<b>1940</b>	1.406.342	39.752.213	3,42
<b>1950</b>	1.214.184	50.730.213	2,34
<b>1970</b>	1.229.128	91.909.909	1,32
<b>1980</b>	912.848	118.089.858	0,77
<b>1991</b>	767.781	146.825.475	0,52
2000	651.226	169.799.170	0,38

**Fonte: IBGE – Censos demográficos de 1900 a 2000**

Observando o quadro histórico, mesmo passando por períodos de instabilidade econômica e política, no geral, observamos que o Brasil continuou a ser um país receptor de imigrantes, mesmo após os anos 70. Ainda que peguemos a última década do século XX, podemos afirmar que as políticas de governo de Fernando Henrique Cardoso conseguiram fomentar a estabilidade econômica e dar solidez às instituições econômicas e políticas. Apesar das incertezas a respeito do novo governante brasileiro, Luís Inácio Lula da Silva conseguiu fazer o aceleração do crescimento do país, principalmente pelo aumento dos preços das *commodities*<sup>13</sup>, carro chefe da exportação brasileira. Entretanto um bom desempenho macroeconômico não é o único fator relevante para que um país se torne um polo receptor de imigrantes. Portanto, se levarmos em conta a história recente do Brasil, veremos que as variáveis políticas também influenciaram e até favoreceram a atração de refugiados e vítimas de perseguição política. (PATARRA,2005).

<sup>13</sup> *Commodities* - Significa mercadoria, é utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias.

Segundo Patarra (2005), podemos afirmar que a imigração recente para o Brasil obedece a quatro padrões:

a) perseguição política (1970 - 1980)

Nesta fase, a maior parte de imigrantes era composta de profissionais liberais, técnicos e de serviços (argentinos, chilenos e uruguaios). Que representam, ainda hoje, as três comunidades de imigrantes com o mais alto nível de instrução (Censo Brasil 2000). Este primeiro grupo aqui analisado chega ao Brasil durante os anos de ditadura militar na América Latina, como argentinos, chilenos e uruguaios que fugiram da perseguição política em seus países de origem. Em sua maioria, eram profissionais liberais qualificados que aqui encontraram emprego qualificado, inclusive inserção e reconhecimento no meio acadêmico. A escolha de vir para o Brasil é atribuída às redes sociais, nas quais se inseriram a facilidade da língua e a proximidade geográfica.

b) refugiados (em situações específicas de cada país)

Africanos (Angola e Libéria), colombianos e asiáticos (Afeganistão). De acordo com dados da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), há atualmente cerca de 3500 refugiados, provenientes de 69 países. Estes números, contudo, não incluem os colombianos que cruzam a fronteira amazônica em Tabatinga (AM), algo próximo de 10 a 15 mil. Entre os refugiados 78% são africanos (principalmente de Angola, Costa do Marfim, República do Congo e Libéria) colombianos, palestinos e asiáticos, (principalmente do Afeganistão). Com exceção da imigração africana, as demais são predominantemente familiares. Parte dos africanos usam o Brasil como ponte para os Estados Unidos, onde aspiram, de fato, permanecer. Muitos embarcam clandestinamente em navios de carga e ao atracarem, se apresentam às autoridades brasileiras com pedido oficial para que lhes seja outorgado o status de refugiado, alegando serem vítimas de guerras e conflitos internos;

c) migração de profissionais (Até os dias de hoje)

Empregados qualificados de empresas multinacionais e transnacionais, bem como profissionais liberais. Fluxos documentados pelo Ministério do Trabalho e o departamento de Imigração. Predomínio de europeus e latino-americanos (principalmente argentinos). Os dados oficiais do Censo brasileiro tendem a subestimar o número de estrangeiros residentes no Brasil, uma vez que raramente incluem os indocumentados. Nos anos 60 começa gradualmente o desembarque oficial, em solo brasileiro, de milhares de coreanos. Interesses políticos e socioeconômicos do governo coreano o levaram a incentivar este tipo de emigração com destino ao Brasil e outros países da América Latina. A emigração para eles era uma maneira de superar

problemas demográficos (excesso de população), desemprego e reforçar o alinhamento com o mundo não-comunista. Atualmente 50000 coreanos vivem no país, provenientes das regiões de Kyungsan-Do, Seul e Kyungki-Do. A população imigrante está concentrada na cidade de São Paulo e trabalha no ramo de confecções, atividade anteriormente dominada por imigrantes judeus (TRUZZI, 2001);

d) migração de mão de obra (de 1970- até hoje em dia)

Trabalhadores com baixa qualificação e nível de instrução. Fluxo voluntário, porém, de indocumentados. Predomínio de sul americanos (bolivianos, paraguaios, peruanos e chilenos), mas também composto de africanos (principalmente de Angola e Moçambique). As migrações de mão de obra que atualmente ocorrem no Brasil tendem a ser em sua maioria de indocumentados, fato do qual deriva a enorme dificuldade de basear uma análise em números e estatísticas governamentais. Sobre o ponto de vista espacial, as migrações de mão de obra estão concentradas nas capitais brasileiras e zonas fronteiriças. Dentre as capitais, a maior concentração está na cidade de São Paulo. Porém, existem recentes concentrações de imigrantes em Manaus (AM); Campo Grande (MS); Boa Vista (AC); e Rio de Janeiro (RJ). Nestas áreas há uma demanda de mão de obra subcontratada e serviços domésticos. Já nas zonas de fronteira, existem as oportunidades de trabalho no comércio e agricultura, sendo comum em zonas de tríplice fronteira, fazerem parte também de esquemas de contrabando e narcotráfico. As principais zonas de fronteira são:

- a) Estado de Roraima: Na fronteira com a Venezuela, na cidade de Pacaraima, tendo início em 1990: fronteira de trabalho – extração de ouro (migração pendular<sup>14</sup>); na fronteira com a Bolívia, pela cidade de Guajará - Mirim. Estimativa de entrada de 10mil bolivianos. Segundo Oliveira, na fronteira com a Venezuela, o movimento de imigratório iniciado em 1990, em Roraima, conciliou os atrativos da “fronteira agrícola” com as atividades de garimpo de ouro. Segundo dados oficiais, os brasileiros emigram mais para a Venezuela, do que os venezuelanos para o Brasil. No entanto, vale mencionar que há movimentos pendulares na zona fronteiriça, devido à instabilidade econômica de ambos os países, fora o descobrimento de novas regiões auríferas;
- b) Estado do Acre: Bonfim na fronteira com a Guiana- Mercado informal de trabalho

---

<sup>14</sup> Migração pendular - (ou migração diária) é um fenômeno, muito comum em grandes cidades, pelo qual milhões de pessoas saem de sua cidade no período da manhã (geralmente antes do horário comercial) para cumprir jornada de trabalho em outra, retornando só à noite para casa. Esses fluxos não configuram exatamente uma migração, pois não é uma mudança definitiva nem por longo período.

(empregos domésticos e construção civil); também comércio de ouro, não há estimativas numéricas de fluxo de entrada. Na fronteira com a Guiana, os imigrantes são atraídos basicamente à cidade de Bonfim no lado brasileiro, onde segundo autoridades locais, cerca de 70% da população é hoje composta por guianeses. Em Boa Vista (AC), os guianeses trabalham no mercado informal, além de serviços domésticos e também como trabalhadores da construção civil. Observa-se, entretanto, nestas zonas fronteiriças, um expressivo movimento pendular tanto de brasileiros quanto de guianeses, com o objetivo de comercializar produtos, trabalhar no garimpo, ou ainda em busca de benefícios no campo da saúde e educação (OLIVEIRA, 2006).

c) Tríplice fronteira:

Foz do Iguaçu (PR) - com Paraguai e Argentina- Serviços (comércio) e agropecuária.

Corumbá (MS) - Com Bolívia e Peru- Serviços.

Tabatinga (AM) – Início em 1980, imigração tendo como ponto de partida as cidades de Santa Rosa (Peru) e Leticia (Colômbia), conhecidas como pontos estratégicos para o narcotráfico (fluxos indocumentados, migração do tipo familiar, mão de obra pouco qualificada com baixo nível de instrução). A imigração colombiana difere das demais, não apenas pelas condições econômicas, mas também pelas condições políticas internas do país. Além dos imigrantes a trabalho, residem também no Brasil os refugiados vítimas dos conflitos internos, principalmente causados pelas FARC (OLIVEIRA, 2006).

Indiscutivelmente, São Paulo é a cidade brasileira de maior concentração de imigrantes recentes no Brasil, mas outras cidades têm se tornado também destino de centenas de imigrantes latino-americanos. Em Manaus, por exemplo, segundo cálculos da Pastoral do Migrante<sup>15</sup>, há em cerca de 40 mil peruanos, indocumentados e mesmo se constata em Guajará- Mirim (Rondônia) de onde, segundo estimativas da mesma pastoral, há pelo menos 10mil bolivianos, sendo 7500 indocumentados. Em Campo Grande (MS), também, residem 10000 paraguaios, dos quais 2900 sem documentação (OLIVEIRA, 2006).

As cidades de São Paulo e Manaus (AM) têm acolhido um grande número de imigrantes peruanos, mas nas imigrações fronteiriças também se observa a presença deste grupo, em especial, na tríplice fronteira amazônica. Em Manaus, o imigrante peruano advém da selva amazônica e compõe um histórico de migração interna importante. Trata-se de uma população com baixos níveis de qualificação profissional e instrução, pertencentes a diversas etnias

---

<sup>15</sup> Pastoral do migrante- serviço eclesial voltado para a acolhida, orientação e inserção socio-religiosa dos migrantes.

indígenas. A imigração segue um padrão familiar, em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho (OLIVEIRA, 2006).

Se no início dos anos 2000 o Brasil contabilizava cerca de 2 mil refugiados, passada uma década esse número praticamente dobrou, totalizando 4.200, segundo o (ACNUR)<sup>16</sup>. Na última estimativa, realizada em 2015, o Ministério da Justiça registrou a existência de aproximadamente 8.400 refugiados no país. Além disso, diante dos acontecimentos mundiais recentes envolvendo guerra, crise econômica e falta de estrutura, o Ministério vem constatando o aumento do número de pedidos de refúgio, sendo que a cidade de São Paulo é o destino mais buscado pelos refugiados. A Síria é o país com a maior parcela de refugiados no Brasil, seguido por Angola e Congo. (ACNUR,2015)

### ***2.1.1 O Brasil e as Migrações Sul-Sul***

As migrações Sul-Sul representam hoje uma considerável parcela das migrações internacionais. Os deslocamentos entre países em desenvolvimento envolvem vários fatores que podem ser causais como a proximidade geográfica e cultural, as facilidades de entrada, as redes de contato estabelecidas, entre outros. Segundo Ratha e Shaw (2007) a estruturação das redes sociais e a proximidade geográfica seriam os fatores de maior influência nas migrações sul-sul, mais que propriamente o atrativo financeiro, que seria um fator motivador muito mais nas migrações sul-norte, na decisão em emigrar de um país em desenvolvimento para outro (RATHA; SHAW, 2007).

Segundo os autores, a assimetria entre países vizinhos, onde nações consideradas em um desenvolvimento intermediário tendem a receber emigrantes de países de um menor patamar de desenvolvimento econômico, apesar de não ser um fator determinante na migração intra- regional. Estima-se que 80% das migrações sul-sul ocorram entre países que compartilham fronteiras, o que se explica pelo fato de os custos de deslocamento serem menores e muitas vezes a única opção de saída para indivíduos sem acesso a documentos e autorização de viagem. (RATHA; SHAW, 2007)

Com relação às redes sociais, operadas por vínculos familiares, étnicos e comunitários, além do custo reduzido, há também a redução das incertezas inerentes ao processo migratório e estabelecimento no local de destino. A cerca disso temos a velocidade nos meios de comunicação como um facilitador neste sentido em orientar as comunidades de imigrantes, e as redes sociais da migração figurem como metáforas apropriadas à descrição do fenômeno

---

<sup>16</sup> ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados



migratório ao conectar ações, pessoas, objetos e categorias em um mesmo regime demográfico (TILLY, 1990).

Podemos incluir também as migrações de trânsito nesta pesquisa, onde os deslocamentos rumo a países em desenvolvimento servem de rota ou “porta de entrada” para o subsequente destino desejado em países industrializados. Neste caso podemos incluir como agravante as restrições de entrada impostas por estes países após 11 de setembro. Dessa forma, diante das dificuldades em concretizar o destino planejado rumo aos países do Norte, muitos acabam se estabelecendo nestes países em desenvolvimento e, de temporário os destinos se tornam permanentes. Segundo o relatório do ACNUR de 2015, há que se considerar também, como fatores facilitadores da migração sul-sul aqueles que envolvem situações de conflito e desastres ecológicos. É comum, indivíduos originários de países em guerra se deslocarem para países em desenvolvimento para pedirem refúgio. Segundo dados do ACNUR de 2005, o número de refugiados que havia se estabelecido em países em desenvolvimento era três vezes maior do que aqueles que estavam em países industrializados.

Segundo dados da CEPAL de 2002, na América Latina, os colombianos compõem o maior número de deslocados intra-regionais, dado que está diretamente ligado ao conflito de décadas naquele país. Em três décadas a região registrou um aumento considerável de indivíduos que deixaram o país em direção a países vizinhos e, em 2000, cerca de 3 milhões de pessoas já haviam se deslocado na América Latina rumo aos grandes centros urbanos.

O Brasil na década de 70, na contramão dos outros polos de atração da América Latina, os principais nesta época eram Argentinóis e Venezuela, contava com um pequeno número de imigrantes intra-regionais que não chegava a 25%, não fazendo parte deste número os indocumentados. Apenas na década de 90 que o país passa a receber um maior número de imigrantes provenientes da América Latina, principalmente da Bolívia, do Paraguai, da Colômbia e da Venezuela (CEPAL, 2002).

## **2.2 O Estatuto do Estrangeiro e as normas que regem a vida do imigrante no Brasil**

Ao longo do processo de formação da sociedade brasileira composta por imigrantes, não houve uma constância na definição de uma política migratória e qual seria o perfil do imigrante “ideal”, este conceito, por exemplo, teve vários significados ao longo da história. No entanto, segundo Baraldi (2011), a política imigratória no país é composta por uma sequência de leis marcadas por racismo, restrição e vazios legais.

No final do século XIX, em 1890, imigrantes europeus atraídos pela política migratória oficial do Estado eram bem-vindos pela sua contribuição econômica e “racial”, dentro de uma política de “branqueamento” da população brasileira adotada pelo Brasil. O art. 1º do Decreto 528 de 1890 dispunha que era inteiramente livre a entrada de trabalhadores, exceto aos indígenas da Ásia ou da África, que necessitavam autorização do Congresso Nacional. Sob essa política, entre 1877 e 1930, o Brasil recebeu cerca de quatro milhões de imigrantes. Por conseguinte, as Constituições que sucederam de 1934 e 1937 se mostraram mais restritivas, pois a concentração de imigrantes de mesma nacionalidade e isolados nos núcleos coloniais gerava o temor no governo central do desenvolvimento de comunidades paralelas. No entanto, a Constituição de 1937 mantinha o sistema de cotas em seu artigo 151 e o Decreto-Lei 406 de 1938, primeira lei sobre estrangeiros do Brasil, possuía um capítulo, o VIII, intitulado Concentração e Assimilação, o qual determinava que “nenhum núcleo colonial (...) será constituído por estrangeiros de uma só nacionalidade”, fixando os percentuais da composição destes núcleos a serem preenchidos por brasileiros e estrangeiros. Até os anos 30, o critério de seleção teria sido pelo princípio da assimilação mesmo sob o Estado Novo de Getúlio Vargas. Posteriormente um princípio mais economicista dava prioridade às qualificações profissionais de trabalhadores imigrantes, mas ainda com restrições a sua participação política.

Na Constituição de 1967 (art. 8º, XVII) e também na de 1988 (art. 22, XV) o objetivo da política migratória não consta mais na Constituição, que se limita a dizer que é de competência da União legislar sobre emigração e imigração, entrada, extradição e expulsão de estrangeiros.

Se, na Constituição de 1967, isso representou uma abertura diante das disposições racistas anteriores, na Constituição de 1988, democrática e garantista, a questão da imigração, em um momento em que não havia grandes movimentos migratórios para e a partir do Brasil, foi ignorada, não tendo sido objeto de maiores garantias. ( BARALDI, 2011, p. 5).

Na ausência de objetivos migratórios definidos constitucionalmente nas duas últimas Constituições, a lei ordinária aplicável aos imigrantes, Lei nº 6.185 de 1980, conhecida como Estatuto do Estrangeiro, é que cumpriu esta tarefa desde a sua promulgação. A partir de então, trata-se de regular a entrada de estrangeiros e o cerne dessa legislação é a defesa do mercado de trabalho nacional e da segurança nacional. A lei deixa explícita o perfil de imigrante que daria prioridade, trabalhadores qualificados para servirem setores do mercado nacional. No entanto, mesmo com o afluxo de imigrantes qualificados, surgia uma demanda por trabalhadores menos qualificados para suprir alguns setores da economia, como empresas

subcontratadas para fabricantes de roupas em São Paulo (SILVA, 1997). Imigrantes que não atendiam os requisitos legais entravam no país como turistas e permaneciam posteriormente como indocumentados.

A situação do estrangeiro no Brasil ainda é regida pela Lei 6815, aprovada em 1980, em plena vigência do regime militar. Desatualizada, não corresponde às exigências de novo contexto migratório que caracteriza a realidade atual. Além disso, existe uma grande contradição uma vez que o estatuto considera todos que entram no país são estrangeiros, mesmo que venham para viver e trabalhar e se estabelecer, ainda que a Constituição de 1988 em seu artigo 5 garanta igualdade de direitos.

### **2.2.1 Da Solicitação de Refúgio ao visto Humanitário**

Com a chegada dos Haitianos no Brasil, outras questões surgiram no âmbito legal, pois perante o Estatuto do Estrangeiro eles estavam entrando no país irregularmente, uma vez que ao cruzar a fronteira não apresentavam o visto de entrada requerido (SILVA, 2013).

**Tabela 03**

**Tipos de vistos concedidos por sexo em 2012 e 2013 pelo MRE -  
Vistos concedidos no Haiti, Equador, República Dominicana e Peru**

Tipo de Visto	2012				2013				Não Informado
	Masculino	%	Feminino	%	Masculino	%	Feminino	%	
Visto permanente	911	94,8	291	68,8	1.560	92,2	401	58,2	235
Reunião familiar	50	5,2	132	31,2	131	7,8	288	41,8	
Total	961	100	423	100	1.691	100	689	100	

**Fonte: (BRASIL, 2013)**

A estratégia era a de pedir “refúgio”, que pode legalmente oferecer várias interpretações. Apesar de não se encaixarem na categoria de refugiado segundo a Convenção de Genebra de 1951, que dá o status de refugiados a quem sofre algum tipo de perseguição política, religiosa ou racial, o Estatuto para Refugiados do Brasil, Lei 9474/97, garante este

direito. Esta lei estende o status de refugiado no país, adicionando situações onde há “grave e generalizada violação de Direitos Humanos”. Desta perspectiva, as condições no Haiti após o terremoto violavam vários direitos humanos, como segurança alimentar, direito a casa, trabalho, assistência médica, entre outros. Cabe ainda, o reconhecimento desses migrantes como “refugiados ambientais” categoria prevista pelas Nações Unidas em seu programa ambiental de 1985.

O controle da imigração, no Brasil, é atribuído a três ministérios: da Justiça, das Relações Exteriores e do Trabalho e Emprego. Ao ministério da Justiça compete o controle dos estrangeiros após sua entrada em território nacional e a aplicação da política de imigração – desde a concessão de vistos, permanência, até medidas mais restritivas, até mesmo a extradição<sup>17</sup>. Cabe ao Ministério do Trabalho e Emprego estabelecer diretrizes e orientações de caráter geral no que concerne à autorização de trabalhos a estrangeiros, com observância na Lei 6.815/80 que define sua situação jurídica no país.<sup>18</sup>No caso dos haitianos que cruzavam a fronteira, agentes federais não tinham poder de decidir sobre o mérito da questão quando o status de refugiado era solicitado, portanto, depois dos imigrantes se registrarem na fronteira, as solicitações eram enviadas ao CONARE<sup>19</sup>.

Enquanto esperavam pela resposta, ganhavam um número de protocolo e com este em mão era permitido que tirassem o CPF e registro no Ministério do Trabalho, documentos essenciais para procurar trabalho no país. O CONARE, no entanto, declarou que a Convenção de 1951 não dava respaldo legal para tais solicitações e as encaminhou ao (CNIg), que sob a Resolução 08/06, concedeu vistos permanentes a estes estrangeiros por razões humanitárias.

Os imigrantes haitianos tinham a solicitação de refúgio analisada pelo CONARE e quando surgiu a questão de que os haitianos aqui chegados não se encaixavam no status de refugiados, por não atenderem aos requisitos previstos para o visto de refúgio, faria que a solicitação fosse recusada automaticamente. Neste sentido, antes que permanecessem irregularmente no país e com a preocupação de diminuir o tráfico desses imigrantes, o governo federal tomou a iniciativa em janeiro de 2012, por meio da Resolução Normativa RN (nº 97), do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, de conceder um visto humanitário permanente,

---

<sup>17</sup> Extradicação - Processo oficial pelo qual um Estado solicita e obtém de outro a entrega de uma pessoa condenada por, ou suspeita de, infração criminal. O direito internacional entende que nenhum Estado é obrigado a extraditar uma pessoa presente em seu território, devido ao princípio da soberania estatal. Por este motivo, o tema costuma ser regulado por tratados bilaterais que podem gerar, a depender da redação, este tipo de obrigação.

<sup>18</sup> Veja-se um levantamento das atribuições dos Ministérios, bem como sobre as informações por eles obtidas e a regulamentação jurídica que informa essa atuação em Baeninger e Leoncy 2001.

<sup>19</sup> CONARE – Comitê Nacional para Refugiados – órgão ligado ao Ministério da Justiça.

pelo prazo de cinco anos e que seria emitido em Porto Príncipe, no Haiti, num total restrito inicialmente a 1200 vistos por ano, restrição que será retirada posteriormente em abril de 2013, através da RN nº 102 conforme a demanda aumentava e já em novembro de 2012 havia uma lista de espera para a concessão dos vistos.

Além disso, em 2013, passa a ser possível a emissão do visto humanitário também em consulados brasileiros em outros países, bem como os haitianos que estivessem já no Brasil também poderiam solicitá-lo. (FERNANDES et al, 2014).

A tentativa de controlar a situação por parte do governo brasileiro não obteve o resultado esperado, uma vez que mesmo com a exigência de obtenção do visto no local de origem, o fluxo não se reduziu e o problema na fronteira estava se tornando uma situação de calamidade pública. O número de vistos emitidos pelo Consulado, 100 por mês, não mais atendia a demanda e em novembro de 2012, foi necessário abrir uma lista de espera pois todos os agendamentos para a concessão de vistos para 2013 já estavam completos. A situação era a mesma da anterior a RN nº 97, o abrigo na cidade de Brasília lotado e na cidade de Porto Príncipe, longas filas na porta do Consulado Brasileiro a espera de visto de entrada. Em 2013, numa tentativa de solucionar o problema do Consulado, o Governo retira a limitação no número de vistos aos haitianos, não mais restringindo – os a 1200 por ano. Adicionalmente a esta medida, permitiu também a concessão de vistos pelos Consulados Brasileiros em outros países, além do Haiti. Em outubro de 2013, haveria ainda mais uma alteração da RN nº 97 com relação ao seu prazo de vigência, que encerraria em 2014 e que foi prorrogada por mais um ano (FERNANDES et al, 2014).

A concessão de visto humanitário pode ser vista como um avanço na política migratória brasileira, já que atendeu principalmente a pressões de vários setores da sociedade, principalmente os que lidavam e abrigavam estes imigrantes nas fronteiras. Além disso, segundo Silva (2013) esta política estava em harmonia com o Plano Nacional Brasileiro para Direitos Humanos que poderia também se estender a outros grupos que tivessem os direitos humanos violados (FERNANDES et al, 2014).

### **2.3 Conjuntura e pontos favoráveis do Brasil como destino no início do século XXI**

No limiar do século XXI, diante de uma situação de estabilidade econômica e baixos níveis de desemprego, que enchera de esperança os brasileiros e também estrangeiros e de um novo panorama político que era embrionado também à imagem do país no cenário internacional, a questão migratória toma uma nova forma em seus dois sentidos, tanto nos movimentos de entrada quanto os de saída. Porém, é de grande relevância salientar que a questão migratória

não foi um simples resultado de uma nova conjuntura e analisando de forma mais ampla, é evidente o interesse político nesta questão durante a era do governo Lula. O tratamento dado a esta questão pelo Estado brasileiro está dentro de um plano mais amplo no cenário internacional, relacionando-se diretamente com o objetivo de defender o protagonismo do país em suas participações em fóruns regionais e multilaterais, aproveitando que este tema é latente e cada vez mais importante e controverso no contexto mundial.

Em 2002, em sua campanha para as eleições presidenciais, Lula incorporou à sua plataforma de campanha um conjunto de propostas políticas como, por exemplo, a redução da taxa para as remessas e a melhoria do atendimento consular brasileiro no exterior. O objetivo destas propostas estaria associado à importância das remessas de emigrantes brasileiros no exterior mandavam para sua terra natal para seu desenvolvimento local, além disso significaria também ganhar o voto desses emigrantes. Para se ter ideia, segundo dados do relatório OBmigra, o PIB total de governador Valadares apresentou crescimento constante entre 1985 e 1996 não apenas em números absolutos, como também em relação ao total estadual. Dessa forma, o município aumentou sua contribuição na composição do PIB mineiro, aumentando em 1,13% no período de 1985-1991 e para 1,23% em 1996.

O Ministério das Relações Exteriores divulgou neste período dados sobre a inflexão no processo emigratório que eclodira nos anos 1980 e teria se intensificado nos 1990. Porém, com a estabilidade política e econômica conquistada no governo Fernando Henrique Cardoso e a retomada do crescimento econômico no governo Luís Inácio Lula da Silva, o Brasil parecia ter entrado num período em que os motivos para deixar o país haviam se esgotado. Um maior número de vagas de emprego disponíveis, melhores salários, programas de financiamento de bolsas em universidades privadas e financiamentos para a casa própria, além da expansão da rede pública melhoraram as expectativas dos jovens, principal no segmento que compunha a população de emigrantes.

A partir de 2008, o Ministério das Relações Exteriores passou a divulgar dados que comprovam a ocorrência de uma migração de retorno, já que o Brasil voltava a crescer, ao passo que os Estados Unidos – principal destino dos brasileiros, assim como países europeus – mergulhavam em crises consecutivas. O Ministério do Trabalho e do Emprego, por sua vez, buscou acelerar a tramitação dos pedidos de concessão de vistos para profissionais qualificados que aqui chegavam via empresas transnacionais. A vinda de profissionais qualificados era, também, uma demonstração de crescimento do país a partir dos anos 2000. Em suma, a migração de retorno e a entrada crescente de profissionais qualificados no Brasil foram invocadas para comprovar nossa prosperidade socioeconômica.

### ***2.3.1 A imagem positiva do Brasil no Haiti: a presença da MINUSTAH e “ O Jogo da Paz***

“

A imigração haitiana no Brasil é segundo Silva (2013) parte de um processo amplo de reprodução do capital em uma escala internacional, que desde os tempos de colônia fez do Haiti um exportador de matéria-prima e trabalho. A procura por trabalho tem sido ao longo da história do país o grande fator para a emigração. República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, Canadá, Venezuela, França e Guiana Francesa, entre outros, foram os destinos comuns ao longo de sua história, surge então a pergunta de como o Brasil passa a ser uma opção de destino (SILVA, 2013).

Podemos analisar conjuntamente uma série de fatores para respondermos essa questão, alguns deles mais evidentes como as restrições migratórias impostas pelos países desenvolvidos após o atentado de 11 de setembro de 2001 e que posteriormente foram agravadas as restrições em consequência da crise de 2008 afetando Estados Unidos e Europa. Em contrapartida a pujança da economia brasileira neste período com uma demanda por mão de obra trabalhadora para grandes projetos de construção no país contribui positivamente para o que os haitianos procuravam fora do Haiti naquele momento. Além disso, acreditava-se entre os imigrantes que, o Brasil, por sua tradição em oferecer asilo e ser signatário das convenções para refugiados não negaria a entrada dos mesmos.

“ [...] as razões que deram início ao fluxo migratório do Haiti para o Brasil são imprecisas. Algumas hipóteses levantam que a participação do Brasil na Força de Paz no Haiti, através da MINUSTAH, tenha despertado o interesse pelo país. Outra hipótese é de que o fechamento da fronteira da Guiana Francesa – destino privilegiado dos haitianos na América do Sul- os mesmos foram impelidos a dirigir-se ao Brasil, onde esperam encontrar mais oportunidades de trabalho, dado seu crescimento econômico, às obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, à construção de hidrelétricas e ainda à repercussão midiática que vem adquirindo nos últimos anos” (FARIA, 2012. pag 16).

### 2.1.1.1 Panorama histórico do Haiti

Mapa 1 – Mapa do Haiti



Fonte: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html>

O Haiti é um pequeno país de 27.500 km<sup>2</sup> de território, localizado no Caribe, vizinho à República Dominicana, país com o qual comparte a ilha. Segundo Loudior (2013), é um pequeno grande país, pois apesar de sua modesta extensão territorial foi a primeira república negra do mundo inteiro. Sua população é em sua maioria composta por pessoas da raça negra onde se fala o francês ou crioulo haitiano. A ilha que fora denominada de São Domingos é hoje dividida entre o Haiti e a República Dominicana, este país de maioria branca e língua espanhola.

A antiga colônia francesa foi o primeiro país latino-americano a se tornar independente, no entanto apesar de seu passado progressista, sua história é marcada por instabilidades, revoltas e golpes de estado, além de consecutivos regimes ditatoriais. O ápice da crise haitiana foi a *papadocracia* que através de violações de direitos humanos e golpes tentava perpetuar a família Duvalier por gerações no poder. Durante a Primeira Guerra Mundial, o governo norte americano assume a política e a economia do Haiti, após instalar bases militares



por motivos de segurança nacional. No entanto, muito pouco foi feito pelas camadas mais pobres da população.

Sob o pretexto de estabilizar o Haiti, os Estados Unidos ocuparam o país caribenho para estender seu imperialismo e o capital estadunidense através da implantação de suas corporações, que se dedicaram principalmente às indústrias açucareiras e bananeira. A ocupação americana foi acompanhada por grandes expropriações de terras dos camponeses e pela apropriação dos recursos financeiros do Banco Nacional da República do Haiti (BNRH). (LOUIDOR, 2013, pag 19)

Em 1945, o país retoma sua autonomia e soberania novamente e elege pela primeira vez um representante de maioria negra, Durmasais Estimé, que sofre um golpe de estado em 1950. Então, em 1957 assume o poder o médico François Duvalier, o “*Papa Doc*”, que permaneceu no poder por 14 anos. Seu governo foi marcado pela tirania, abuso de poder e repressão aos opositores que eram expulsos do país ou mortos pela milícia formada pelo ditador. Papa Doc dissolveu a Assembléia Nacional, outorgou uma nova Constituição que lhe garantia presidência vitalícia e ainda, sem oposição indicou como seu sucessor seu próprio filho, Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, que assume após sua morte em 1971. O período ditatorial tem continuidade e só vem a cessar na segunda metade da década de 80, quando cedendo a pressões internacionais por democratização, *Baby Doc* aprovou reformas e permitiu a criação de partidos políticos, mas, no entanto, se mantinha no poder como presidente vitalício, inclusive capaz de indicar sucessor. A população, insatisfeita pressiona pela saída de *Baby Doc*, que foge em 1986.

Após a queda de Baby Doc, o Haiti tem cinco presidentes em quatro anos até que em 1990 é eleito Jean Bertrand Aristide. O novo presidente era um sacerdote que ganhou apoio popular por clamar por justiça social e defender a democracia, mobilizando as camadas mais pobres a seu favor. Além disso, Aristides implementou uma política de crescimento, uma vez que o Haiti naquela época era carente de serviços básicos para a população como educação e saúde. As propostas de Aristides que visava um empoderamento das camadas mais pobres da população começam a incomodar os mais ricos e Aristides foi destituído do poder por um golpe sendo preso e exilado. Sua destituição foi entendida pela comunidade internacional como uma afronta ao regime democrático e sanções foram aplicadas ao Haiti pela OEA e pelos Estados Unidos

Que se estenderam até que o presidente legitimamente eleito fosse restituído ao poder. No entanto, um governo militar assumiu o poder e somente em 1994 os militares deixam o poder diante de uma ameaça dos Estados Unidos de invadir o país. A partir daí vários grupos se sucederam no poder, até que em 2000 Jean Bertrand Aristides retorna ao poder.

Em 2004, durante a celebração de 200 anos de independência, Aristides sofre um novo golpe que o retira do poder e ele novamente vai para o exílio. Diante desta situação e devido a uma inundação no sul do país que deixou mais de dois mil mortos, A ONU decidiu enviar tropas militares para o Haiti.

O Objetivo da Organização das Nações Unidas em enviar as tropas era de além de auxiliar o país a se recuperar dos vários fenômenos naturais que começam a ocorrer sucessivamente, era também de desarticular as gangues armadas responsáveis pela violência política com grande número de mortes. Dessa forma, a ONU inicia, em 2004, a missão que ficaria conhecida como MINUSTAH. A missão foi autorizada pelo Conselho de Segurança após o presidente Aristides ser deposto e uma série de conflitos se instalarem no país, conflitos armados entre gangues rivais. Vários países cederam tropas militares para auxiliar no trabalho da ONU, mas o Brasil cedeu o maior contingente militar assumindo também a coordenação da missão, foi a primeira vez que o Brasil assumiu uma missão de paz (LOUIDOR, 2013).

Segundo Louidor (2013), desde a década de 90 o Haiti vem mergulhado na dependência econômica, financeira e militar através dos mecanismos de liberalização comercial e financeira, da presença de diferentes “missões de paz” das Nações Unidas e do controle de suas políticas públicas pelas instituições financeiras internacionais. Em 1986 e 1987, as autoridades já tinham reduzido as tarifas alfandegárias causando uma invasão ao mercado local por produtos importados afetando diretamente a produção local provocando um grande desequilíbrio entre exportação e importação.

As políticas públicas são definidas nos últimos 20 anos por ” especialistas das instituições financeiras (IFI), representante das missões diplomáticas e organizações internacionais acreditadas no Haiti, acompanhada por alguns burocratas/tecnocratas, políticos haitianos e, supostamente alguns membros da sociedade civil”. (LOUIDOR, 2013, pag 23)

Diante da instabilidade entre facções políticas, o país tem acolhido até hoje desde 1993, cinco missões de apoio e manutenção à paz, a Minuah (Missão das Nações Unidas no Haiti), a Manuh (Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti), a Mitnuh (Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti), a Miponuh (Missão de Política Civil das Nações Unidas no Haiti) e a Minustah (Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti), desde 2004. Com o apoio da MINUSTAH o Haiti começou finalmente a dissolver as gangues e minimizar os problemas sociais, mas que ainda eram muitos diante da miséria que assolava o país (LOUIDOR, 2013).

Em 2006 novas eleições ocorreram, elegendo René Préval para presidente. A partir de então ele passou a trabalhar juntamente com as tropas militares da ONU para diminuir a

violência e conseguiu desmembrar várias gangues do país, além de ainda conseguir auxílio internacional para diminuir a miséria que assolava o país por meio da diminuição do preço de alimentos.

O ápice da destruição e fato que marcou grande retrocesso ao trabalho efetuado pela Minustah foi o terremoto que destruiu quase que completamente o país em 12 de janeiro de 2010.

**Mapa 2 – Mapa da localização do epicentro do terremoto de 2010 no Haiti**



Fonte: Haiti\_map.png

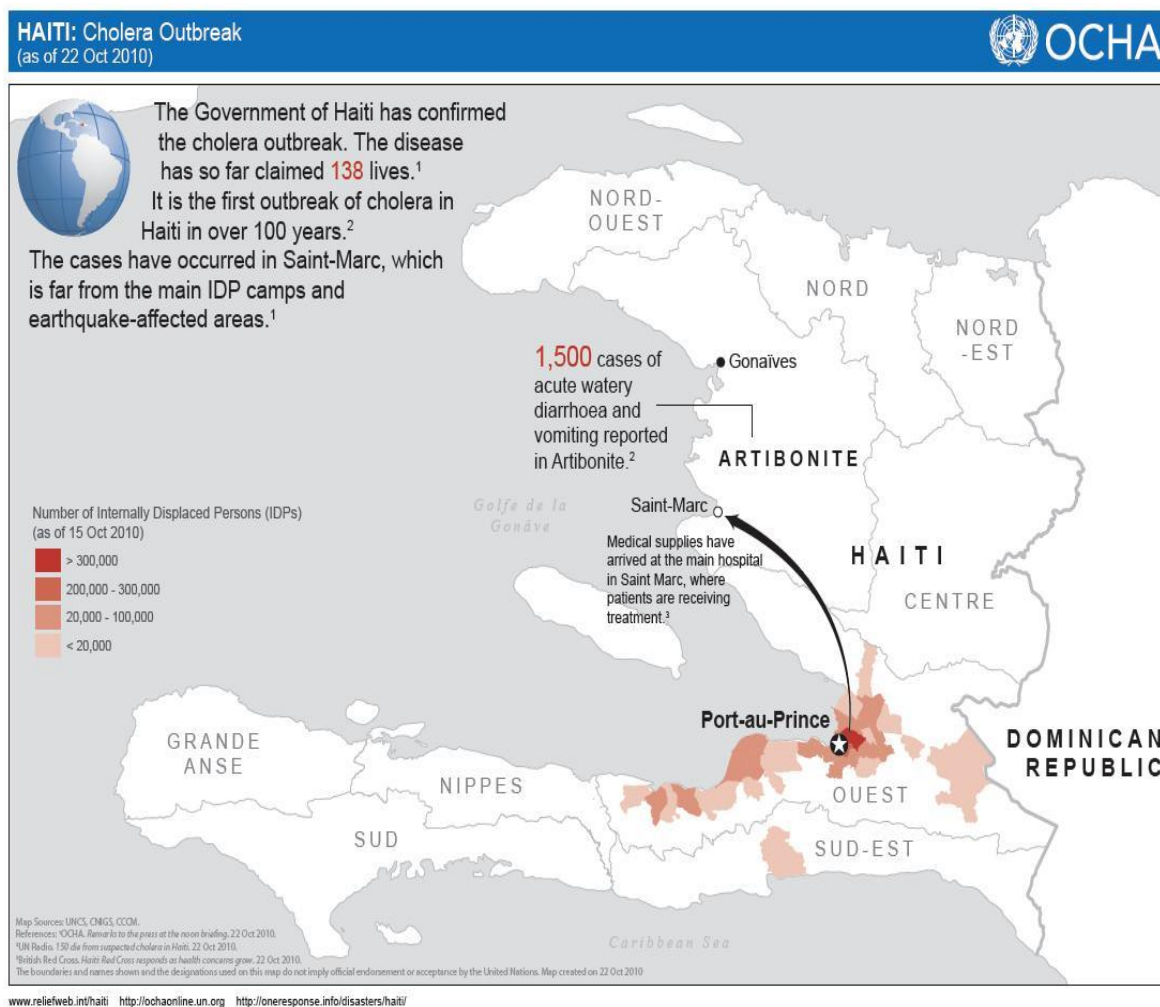
Estima-se que cerca de duzentas e vinte mil pessoas morreram no terremoto, mas não há um número preciso de mortes ocorridas. Após o desastre natural a destruição e o desespero estavam presentes por todo lado: prédios, casas, igrejas, monumentos e quase todas as construções ruíram e foram ao chão; o presidente declarado morto no dia após o terremoto; corpos espalhados e empilhados pelas ruas; milhares de crianças órfãs; o comércio foi quase extinto, quando haviam produtos para ser vendidos não haviam compradores com recursos para adquiri-los; uma epidemia de cólera tomou conta do país; e o desespero e a miséria extrema retornaram, talvez dessa vez ainda mais graves.

O trabalho e as melhorias que vinham sido desenvolvidas e alcançadas pela MINUSTAH foram perdidos, sem falar nas mortes de pessoas que trabalhavam na missão.

Muitos países enviaram auxílio para o Haiti, sendo inclusive necessário que forças dos Estados Unidos assumissem a organização dos voos que chegavam ao aeroporto de Porto Príncipe com alimentos, água e remédios, mas o contingente de pessoas para tratar todos os feridos e doentes era pequeno, além da escassez de remédios.

Diante da situação similar à de guerra que podia ser verificada no Haiti, o Brasil enviou grande quantidade de suprimentos e remédios, além de mandar mais profissionais de saúde para auxiliar os feridos, assumindo novamente posição de liderança na missão. Hospitais que podem ser montados, que são utilizados em guerras, foram mandados para o Haiti e neles puderam ser salvas muitas vidas. O ano de 2010 foi marcado por protestos devido à lenta reconstrução do país e da epidemia de cólera e outras doenças. Além disso, a miséria se acentuou no país, sendo que as pessoas perderam suas casas, trabalho, tudo ou quase todos os bens que possuíam e ainda não tinham comida, nem meios para recomeçar suas vidas (LOUIDOR, 2013).

### Mapa 3 – Mapa da epidemia de cólera no Haiti



Fonte: <http://www.unocha.org>

O mapa acima mostra a explosão de cólera sofrida pelo Haiti em outubro de 2010, a epidemia teve seu foco inicial em Saint -Marc, onde os primeiros casos foram identificados, numa área distante do epicentro do terremoto ocorrido anteriormente naquele mesmo ano.

Muitas pessoas passaram meses morando em praças, em refúgios improvisados e dependendo do auxílio internacional para sobreviver. Nesse cenário, a atuação do Brasil na MINUSTAH ganhou ainda mais destaque, devido aos esforços para auxiliar as pessoas a reconstruir suas vidas e com isso recuperar a dignidade e a esperança.

Segundo o exército brasileiro, devido à liderança do exército brasileiro na MINUSTAH, os haitianos passaram a ter os brasileiros como uma de suas principais referências. Isso ocorre por causa também do cuidado que as forças de paz dedicaram aos haitianos, sendo que a missão não tratava estritamente apenas de reconstruir o país e eliminar as gangues armadas, mas também promover educação, levar serviços de saúde a todos os que

precisavam e fazer melhorias em locais públicos, tais como praças e escolas, reformando comunidades inteiras.

### 3.4 Diplomacia Cultural

Segundo Ribeiro (2011), para a antropologia, cultura é a soma de hábitos, costumes e realizações de um indivíduo, uma comunidade, um povo, ao longo de sua história. Isso cobre todas as áreas, das ciências às artes, da tecnologia ao folclore, da política a religião, da saúde ao esporte, do comércio ao lazer. Embora seja ainda difícil precisar as vinculações entre diplomacia cultural e política externa, é possível estabelecer algumas aproximações entre esses dois universos. Para o autor, é possível delinear o plano mais restrito e objetivo da diplomacia cultural, sobre os temas que se fazem presentes em todos os países com tradição em difusão cultural no exterior, abrangendo, entre outros:

- a) intercâmbio de pessoas;
- b) promoção de arte e dos artistas;
- c) ensino de língua, como veículo de valores;
- d) distribuição integrada de material de divulgação;
- e) apoio a projetos de cooperação intelectual;
- f) apoio a projetos de cooperação técnica;
- g) integração e mutualidade na programação.

Com variações que dirão respeito às realidades de cada país (e que refletirão suas prioridades nesse campo, bem como questões de disponibilidade de recursos), esses seriam os parâmetros mais amplos da diplomacia cultural. (RIBEIRO, 2011, pag 31).

Sob a ótica do sociólogo francês Marcel Merle (1981), o período após a segunda guerra mundial também se caracteriza pela rápida transformação da cultura em *produto cultural*, resultando em um crescimento dos níveis de dependência (e ressentimento) por parte dos países consumidores.

Se a diversidade cultural, sob seus múltiplos aspectos, pode muitas vezes dar margem a conflitos enraizados em formas hostis de etnocentrismo, é igualmente verdade que essa mesma diversidade pode ser trabalhada de modo a se transformar em instrumento de aproximação, e não de desconfiança entre os povos. (RIBEIRO, 2011, pag12).

#### 2.4.1 Diplomacia da bola e a estratégia da política externa brasileira

Segundo Rezende (2010), a criatividade foi uma das características marcantes do governo Lula. Em janeiro de 2008, foi criada a Coordenação-Geral de Intercâmbio e

Cooperação Esportiva (CGCE) motivada por três motivos: a crescente demanda dos países em desenvolvimento por cooperação com o Brasil na área esportiva, em especial com relação ao futebol; a escolha do Brasil para sede da Copa do Mundo de 2014; e a candidatura brasileira, na época, do Brasil como sede das Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016.

A CGCE é o órgão do Ministério das Relações Exteriores responsável por tratar do tema esporte na agenda da política externa brasileira. Entre suas responsabilidades, o órgão coordena as ações de cooperação esportiva entre o Brasil e outros países, bem como com instituições internacionais e entidades esportivas; coordenar ações do Governo Federal que promovam intercâmbio de experiência com outros países na organização de megaeventos esportivos; e representar o Itamaraty em comitês interministeriais relacionados à realização de megaeventos esportivos. A atuação brasileira na área de cooperação esportiva, a partir de então, tem buscado o estabelecimento de acordos bilaterais que possam resultar em benefícios para o esporte nacional, bem como contribuir na organização de megaeventos esportivos.

O pontapé inicial para a o que a mídia passou a chamar de “diplomacia da bola” teria sido em agosto de 2004, como Jogo da Paz, no Haiti. O jogo, uma partida amistosa em Porto Príncipe entre a seleção brasileira e seleção haitiana, realizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) atendendo a um pedido do presidente Lula. Esta teria sido a primeira ação do governo Lula utilizando o esporte como ferramenta de política externa. Os jogadores brasileiros cruzaram a capital haitiana em blindados da Minustah, cercados pela população local. O objetivo da realização da partida passava para os haitianos e para o mundo, a mensagem de que o Brasil estava interessado e disposto a contribuir para melhorar a situação política no Haiti. A visibilidade internacional da crise haitiana na mídia contribuiu para que o jogo entre as duas seleções fosse divulgado nos principais meios de comunicação internacionais e repercutisse a diplomacia da bola e a nova postura internacional do Brasil pelo mundo. (REZENDE, 2010).

Os sucessos obtidos com o Jogo da Paz, a conquista em sediar a Copa do mundo em 2014 e recentemente as Olimpíadas de 2016, foram claros exemplos de os frutos colhidos com a diplomacia da bola, particularmente com as ações de cooperação esportiva na diplomacia sul-sul. As primeiras análises, no entanto, podem ser consideradas positivas: as embaixadas brasileiras aumentam o número de interlocutores; o esporte, particularmente o futebol, tem apelo social; e as ações resultam em visibilidade na mídia – tanto brasileira, quanto internacional. A diplomacia da bola pode ser entendida como uma das ferramentas do *soft power* do Brasil. O esporte brasileiro, em particular o futebol, era uma vantagem comparativa até então não explorada pela política externa. (REZENDE,2010).

A política externa do Presidente Lula trouxe muitas novidades à PEB (Política Externa Brasileira), e a principal dela talvez tenha sido a busca incessante por posicionar o Brasil na linha de frente das principais questões internacionais, além da participação em fóruns, e a diplomacia da bola foi um interessante aspecto da inserção internacional do Brasil no período 2003-2010.

### **3 CAPÍTULO III– OS HAITIANOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH)**

A migração haitiana para o Brasil é um processo que segundo Silva (2013), começa a ser notado em 2010 e se intensifica mediante a catástrofe de um terremoto que destruiu o país e avançou gradativamente nos anos seguintes até transformar-se em um fluxo permanente, estimando-se que até 2014 o volume de imigrantes haitianos que deram entrada no Brasil tenha ultrapassado o número de 50.000 pessoas. Inicialmente, ao longo do ano de 2010 pequenos grupos que não somavam 200 imigrantes chegaram a fronteira do Brasil com o Peru, ao final do ano de 2011 estima-se que já havia a presença de 4.000 haitianos no território brasileiro (COSTA, 2012; SILVA, 2013), e a partir daí os números não pararam de crescer, sendo que no final de 2013 acredita-se que o montante já teria ultrapassado 20.000 imigrantes estimando-se que este número tenha chegado a aproximadamente 50.000 ao final do ano de 2014. Segundo levantamentos do Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral” para o OIM ( Organização Internacional do Migrante), o grupo desses imigrantes é formado por pessoas predominantemente jovens, com idades entre 20 e 39 anos, em sua maioria com nível de instrução equivalente ao ensino fundamental incompleto. Para os que não têm visto de entrada para o Brasil, o trajeto feito acontece via redes de tráfico de imigrantes e em condições de extrema vulnerabilidade. Apesar de os imigrantes reconhecerem que a situação que vivem no Brasil é melhor do que a que vivenciavam no país de origem, as condições de trabalho e moradia não permitem poupar o bastante para manter um fluxo regular de remessas para as famílias no Haiti (FERNANDES *et alia*, 2013).

Após o trajeto até a fronteira brasileira, os imigrantes haitianos ainda têm de enfrentar um longo processo para a regularização de sua situação migratória. O primeiro passo para os recém-chegados na primeira onda migratória era a solicitação de refúgio apresentada à autoridade migratória nas respectivas cidades fronteiriças que abria um processo que levaria a um número de protocolo que permite ao imigrante a obtenção da carteira de trabalho e do documento de CPF<sup>20</sup> provisórios, documentos

---

<sup>20</sup> CPF- Cadastro de Pessoa Física junto a Receita Federal



essenciais para ingresso no mercado de trabalho formal de trabalho e o envio de remessas. (FERNANDES *et al*, 2014, pag 14).

### **3.1 Os Haitianos no Brasil: a trajetória do fluxo migratório (2010 – 2014)**

Não podemos afirmar que a facilidade de entrada seria um fator, mas sim que havia um desejo de estabelecer-se na região de destino. Temos que também considerar as legislações migratórias dos países desenvolvidos, após o 11 de setembro de 2001, que impõem restrições à imigração de uma maneira geral e, em especial, à migração ilegal.

No caso dos haitianos para o Brasil, no entanto, é relevante ainda observar que no ano de 2010 dos países da América do Sul, apenas quatro<sup>21</sup> não exigiam visto para a entrada dos haitianos em seu território no caso de viagem de turismo. Mesmo com esta facilidade, nenhum destes países tornou-se o destino final da imigração haitiana, como foi o caso do Brasil (FERNANDES *et al.*, 2014, pag 12).

Considerando este fato apenas, as razões para a incorporação do Brasil na rota do processo migratório dos haitianos ainda não são muito claras. Alguns autores (FERNANDES, 2010; SILVA, 2013) indicam que a presença das tropas brasileiras no Haiti (MINUSTAH)<sup>22</sup> poderia ter contribuído para disseminar a ideia do Brasil como um país de oportunidades, principalmente no momento em que grandes obras estavam em execução e a taxa de desemprego em níveis muito baixos. Também citam a realização do Jogo da Paz<sup>23</sup> como fator que contribuiu para disseminar a imagem do Brasil naquele país. Além disso, há o entendimento de que o governo brasileiro teria feito um convite explícito aos haitianos para que emigrassem para o Brasil. Tal “convite” teria ocorrido durante a visita do então presidente Luís Inácio Lula da Silva àquele país em fevereiro de 2010. (COSTA, 2012).

### **3.2 A evolução do fluxo migratório e transformação em fluxo permanente**

Nesta pesquisa citaremos o levantamento dos dados realizado pelo GEDEP, no Relatório para o OIM, “ Diálogos Bilaterais”, que aconteceu no período de julho a dezembro de 2013, tendo sido entrevistados 340 haitianos nas seguintes cidades: Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Porto Velho e São Paulo. Segundo FERNANDES, 2014, em cada estado foram feitas

---

<sup>21</sup> Chile, Peru, Equador e Argentina.

<sup>22</sup> MINUSTAH - sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*, é uma missão de paz criada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 30 de abril de 2004, para restaurar a ordem no Haiti, após um período de insurgência e a deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide.

<sup>23</sup> Jogo da Paz - Partida de futebol realizada em Porto Príncipe, em agosto de 2004, entre as seleções do Haiti e do Brasil.

parcerias locais que cuidaram do levantamento local das informações. Em alguns estados, segundo os autores foram os próprios haitianos que fizeram o levantamento, auxiliados pelos coordenadores locais. Em outros estados foi possível contar com a participação de estudantes brasileiros para os levantamentos. (FERNANDES;2014)

Segundo os autores do relatório, por se tratar de um levantamento realizado em parceria com as instituições que acolhem esses imigrantes, a maior parte dos entrevistados (52,6%) saiu do Haiti em 2013, seguidos por aqueles que partiram em 2012 (21,2%). O número dos entrevistados que saíram do país antes do terremoto é muito reduzido (1,8%). (FERNANDES;2014)

De acordo com o relatório, quando perguntado aos entrevistados, qual o país de partida da emigração para o Brasil, 87,1%, os imigrantes declararam ser o Haiti, e 10,0% indicaram a República Dominicana, o restante apontou algum país da América do Sul. Dentre aqueles que indicaram o Haiti, 35,4% informaram que residiam em Gonaïve, 25,1% em Porto Príncipe, 7,3% em Saint Marc, e 5,95% em Cap Haïtien. (FERNANDES;2014)

O tempo de trajeto até ao Brasil foi variado, segundo o momento da saída. Para os que deixaram o Haiti em 2013, 73,9% fizeram o trajeto em até 15 dias. Dos que saíram em 2012, só 30,8% disseram ter feito o trajeto no mesmo período de tempo. Importante ressaltar que, de todos os que responderam a esse quesito, 11,3% indicaram ter gasto mais de 120 dias para chegar ao Brasil. O tempo de trajeto até ao Brasil foi diverso, segundo o momento da saída. Para os que deixaram o Haiti em 2013, 73,9% fizeram o trajeto em até 15 dias. Dos que saíram em 2012, só 30,8% disseram ter feito o trajeto no mesmo período de tempo. Importante ressaltar que, de todos os que responderam a esse quesito, 11,3% indicaram ter gasto mais de 120 dias para chegar ao Brasil. (FERNANDES;2014, p54.)

Com relação ao caminho percorrido, salvo no caso daqueles imigrantes que já tinham o visto obtido nas representações diplomáticas brasileiras (19,7%) e que, portanto, fizeram o trajeto do Haiti diretamente para algumas cidades no Brasil, geralmente, São Paulo. Os outros, em sua maioria, seguiram as rotas já conhecidas, que incluem a chegada por via aérea ao Equador, seguindo em direção ao Peru e entrando no Brasil por Tabatinga e Brasília. (FERNANDES, 2014, p55).

No decorrer dos relatos promovido pela pesquisa aqui citada, e esta é a pergunta que norteia esta dissertação, ao investigarem as razões que levaram os haitianos a fazer a migração para o Brasil, fora solicitado aos entrevistados que indicassem os motivos por ordem de importância. Segundo o levantamento do relatório “ Estudo sobre a Migração Haitiana e Diálogo Bilateral”, ficou claro que não havia uma razão única ou específica, mas sim um conjunto de fatores que configura ser este fluxo motivado pela extrema vulnerabilidade desse grupo de imigrantes. No quadro a seguir fornecido pela pesquisa aqui citada, estão indicadas as principais razões para a migração. Segundo o resultado da pesquisa, e por ser o primeiro motivo declarado pelos entrevistados, fica evidente que a maior parte deles (61,5%) fez o trajeto em busca de trabalho.

Em segundo lugar, temos a melhoria na qualidade de vida fica (14,7%) dentre as outras razões mencionadas, a ajuda à família como o objetivo da migração fica em terceiro lugar (6,5%). Segundo o relatório, destaca-se o fato de dentre as razões alegadas para a migração, diversos entrevistados colocaram como segundo lugar a possibilidade de continuar os estudos no Brasil, desejo esse que já seria frustrado logo ao chegar ao país, já que as exigências para a equivalência de diplomas e certificados são maiores do que as possibilidades financeiras e de obtenção da documentação pelos haitianos. (FERNANDES;2014)

**Tabela 04 – Motivos declarados para a migração/2013**

Motivos	Nº absoluto	%
Trabalho	209	61,5
Melhor qualidade de vida	50	14,7
Estudar	19	5,6
Ajudar a família	22	6,5
Crise no Haiti	7	2,1
Outros	13	3,8
Não responderam	20	5,9
Total	340	100

Fonte: extraída dos dados da pesquisa (OIM,2013, p59)

Segundo o relatório, foi investigado se os entrevistados tiveram interesse de buscar informações sobre o Brasil antes de iniciar o trajeto. Dos haitianos pesquisados, 55,6% declararam que buscaram algum tipo de informação sobre o país de destino. O quadro a seguir apresenta o local e as pessoas que foram procuradas nessa busca de informação. As mídias, principalmente a Internet, se destacam e foram fonte de informações para 43,4% dos entrevistados. Os amigos foram fonte para 22,8% dos imigrantes, seguidos por parentes (8,5%) e pessoas que estavam vivendo no Brasil no momento da entrevista (8,5%). A participação das representações diplomáticas brasileiras como polo de informação não é expressiva (4,2%). Na categoria “outros” chama a atenção o caso da declaração de três entrevistados que indicaram “coiotes” como as pessoas às quais recorreram em busca de informações. (FERNANDES *et al*,2013).

**Tabela 05 – Tipo de informação buscada pelos imigrantes haitianos/2013**

<b>Tipo de Informação</b>	<b>Nº absoluto</b>	<b>%</b>
Trabalho	91	48,1
Obtenção de visto/regularização	18	9,5
Informações gerais sobre o Brasil	23	12,2
Educação/Cultura	38	20,1
Outros	4	2,1
Não responderam	15	7,9
<b>Total</b>	<b>189</b>	<b>100</b>

Fonte: extraída dos dados da pesquisa (OIM,2013, p59)

Questionados sobre a quais tipos de informação sobre o Brasil eles tiveram acesso, os haitianos entrevistados, em sua maioria (48,1%), indicaram estar interessados em conhecer as oportunidades de trabalho no país de destino. O conhecimento sobre a cultura e o ensino foi objeto de interesse de 20,1% dos pesquisados. Interessante notar que a preocupação com a obtenção do visto ou mesmo uma possível regularização do *status* migratório não se caracterizava como uma das maiores preocupações desses imigrantes, já que somente 9,5% dos que buscavam informações se preocuparam com o tema. (FERNANDES *et al*, 2013, p. 59)

Ao serem perguntados se antes de emigrar já tinham um contato no Brasil, 57,4% dos entrevistados declararam que conheciam alguma pessoa. Em 66,6% dos casos essa pessoa era um amigo, e para os restantes (33,4%), tratava-se de um parente. Cabe ressaltar que dentre os que não buscaram informações sobre o país de destino, 47,6% declararam conhecer alguém no Brasil. Assim, ao se considerar os que buscaram informação sobre o país de destino, associados aos que, apesar de não terem informações, conheciam alguém no Brasil, temos que 75,8% dos imigrantes haitianos ou tinham um contato ou alguma informação sobre o país. Tais resultados indicam que não são muitos os que fazem o trajeto sem qualquer informação ou mesmo sem a possibilidade de contar com uma referência quando da sua chegada. (FERNANDES *et al*, 2013, p. 60).

### ***3.2.1 – Relatos das entrevistas dos grupos focais sobre motivos para migrar para o Brasil***

Segundo o estudo realizado, e aqui mencionado, pelo GEDEP, nas discussões dos grupos focais, tanto no feminino quanto no masculino, os participantes apontaram diversos motivos para a saída do Haiti rumo ao Brasil, mas, em sua maioria, afirmam ter saído por causa do terremoto (muitos perderam tudo que tinham e alguns, toda a família) e em busca de uma vida melhor, especialmente para ajudar a família buscando novas oportunidades, como demonstram os relatos a seguir. (FERNANDES *et al*,2014).

*“Saí do Haiti porque no meu país não tem mais vida; eu preciso trabalhar, necessito ajudar minha família”. (Migrante feminina, Manaus).<sup>24</sup>*

*Eu deixei meu país para entrar no Brasil. A gente está procurando uma vida melhor para ajudar a minha família. (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

*Eu sou uma mulher que fiz negócios no Haiti, por isso sofri muitas perseguições por pessoas que atiram com balas no meu comércio, por isso eu deixei meu país, para buscar uma vida melhor. (Migrante feminina, Porto Velho/RO)*

*“Eu deixei o meu país para garantir o futuro dos meus filhos. Eu quero que eles consigam na vida coisas que eu não tive chance de conseguir, por exemplo: estudo universitário”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Outros motivos muito citados também nas discussões foram a situação econômica e social do país, a falta de trabalho (*“desemprego é problema sério no Haiti”*) e a falta de segurança. Os migrantes se queixam da violência que existe atualmente no Haiti, além das dificuldades para os filhos estudarem. Os relatos a seguir retratam as situações apontadas pelos participantes dos grupos focais. (FERNANDES *et ali*,2013).

*“Deixei o meu país por vários motivos. Logo após o terremoto, eu não tinha condições de bancar a minha família porque eu era comerciante. Eu perdi tudo que eu tinha”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

*“No meu país tem pouco emprego, eu tinha que deixar o país atrás de oportunidades – quem aqui que é mãe e quer ver seus filhos sofrerem, passar fome, não tem condições de estudar. Esta foi a minha decisão: deixar o Haiti”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

*“Lá não se tem possibilidade de estudar; tenho dois filhos que necessitam continuar os estudos, mas lá tudo é com dinheiro. Vim para cá a fim de trabalhar e enviar dinheiro para o estudo dos filhos”. (Migrante feminina, Manaus/AM).*

---

<sup>24</sup> Entrevista – grupos focais

*“A vida lá no Haiti não está boa; não se pode viver em paz, não se tem possibilidade de ir ao hospital e não se tem segurança nas atividades; somos roubadas em nossos pequenos comércios”. (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

Os mais jovens alegam que vieram para o Brasil para trabalhar e estudar. Outro motivo também mencionado, especialmente pelas mulheres, foi a reunificação familiar, como demonstram os relatos a seguir do grupo focal feminino de Porto Velho/Rondônia. (FERNANDES *et alia*,2013).

*“O meu caso é diferente, porque eu vim legalmente. O meu marido tinha me deixado no Haiti com dois filhos e veio para o Brasil. Ele pediu o visto para eu vir com os filhos, para melhorar a nossa vida. Chegamos em Porto Velho no dia 27 de maio de 2013. Por isso eu não passei muitas dificuldades como outras haitianas. Porém, vim para o Brasil e ainda não vi como a vida vai melhorar. Para mim, eu acho o Haiti é melhor que aqui”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

*“Eu deixei meu país no dia 23 de abril deste ano. Foi o meu marido que me trouxe para cá. Eu deixei muitos filhos no Haiti. Eu vim de avião. Deixei o Haiti para buscar uma vida melhor e ainda não vi essa vida melhor”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

*“Minha mãe me deixou muito pequena e passou muita miséria e muito sofrimento para conseguir me trazer para o Brasil. Obrigada minha mãe e obrigada Brasil. Eu cheguei ao Brasil e vi que minha mãe estava bem e minha mãe me mandou para a escola e comecei a aprender falar português, eu já falo créole, francês. E o meu pai, também entrou no Brasil, muito obrigada pela minha mãe”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Alguns saíram do Haiti porque ouviram dizer que o “porto” do Brasil estava aberto, outros mencionaram ter vindo para o Brasil sem nenhuma informação sobre o país e alguns vieram porque ouviram falar que no Brasil poderiam ter documentos e mais liberdade, como citado nos relatos a seguir. (FERNANDES *et al*, 2014).

*“Eu não tinha informação do Brasil, eu escutei dizer que o porto do Brasil estava aberto, então, um coite me pediu USD 12.000,00. A gente começou a faltar do dinheiro, saímos da República*

*Dominicana, e depois Peru, mas para chegar ao Brasil, eu pedi para as pessoas do Haiti porque eu não tinha mais”. (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

*“Eu venho no Brasil, eu não tinha informação, eu escutei que tinha bastantes haitianos que estão deixando Haiti passando por Peru, então, eu também entrei no Brasil, porque eu sei que eu teria meus documentos e minha liberdade, com isso, eu estou muito satisfeito da minha chegada. Eu não sabia nada do Brasil”. (Migrante masculino, Curitiba/PR).*

Nem todos os participantes dos grupos focais tinham a intenção de fazer a migração para o Brasil e, quando saíram do Haiti, buscavam chegar a outros países. No entanto, circunstâncias na jornada ou informações incompletas sobre a documentação necessária impediram-nos de completar o trajeto até o destino desejado. Importante observar que esse problema foi mais relatado pelas mulheres. (FERNANDES *et al*, 2014, p.72).

*“Deixei meu país para ir aos Estados Unidos. Quando cheguei ao Equador a pessoa que me encaminharia para os Estados Unidos me disse que não tinha visto para ingressar nos EUA. Por isso mudei para o Brasil. Não saí do Haiti para vir aqui no Brasil! ” (Migrante feminina, São Paulo/SP).*

*“Eu não tinha informação sobre o Brasil, um coioite me disse que podia me ajudar a viajar, eu queria ir para Guiana Francesa, ele pegou USD 4.000,00 na minha mão e ele me deixou em Tabatinga, então, como não posso continuar, eu fiquei no Brasil. Eu não tinha intenção para vir aqui no Brasil”. (Migrante feminina, Curitiba/PR)*

Mapa 5 – Mapa do trajeto do fluxo migratório



Segundo Dayrell e Silva (2015), e como ilustra o mapa acima, com relação à chegada dos imigrantes haitianos ao Brasil é importante observarmos as cidades que serviram como um portão de acesso para os recém-chegados.



77% desse público desembarcou em Belo Horizonte, diferente da pesquisa realizada em 2013, por Castro e Fernandes, que mostra a preferência evidente dos imigrantes pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Manaus, possivelmente, pelo fato de, nesses locais já ter sido desenvolvida uma rede social de acolhida a esses imigrantes. (DAYRELL; SILVA, 2015 p.31)

### ***3.2.2 Desdobramentos pós-imigração e tendências do fluxo migratório***

Após uma análise focada nas razões que os haitianos teriam para iniciar este fluxo migratório, posteriormente cabe uma análise sobre as tendências do fluxo migratório ao longo do período posterior ao início. É importante observarmos que, as razões iniciais não necessariamente serão as mesmas ao longo da evolução do fluxo através dos anos, o que conseqüentemente poderá mudar as características do mesmo. Se, a princípio, e agora tentando aplicar uma teoria para este fluxo migratório, configurava-se uma migração de mão-de-obra, ao longo do estabelecimento dos primeiros migrantes no Brasil, poderemos ter uma tendência a uma migração de rede, baseada nos laços familiares ou de amigos. Da mesma forma se pegarmos um período de tempo maior, projetando o futuro deste fluxo migratório, poderemos inclusive observar uma migração de retorno. A medida que os Haitianos se instalaram no Brasil, começou a se configurar o perfil migratório e mediante as dificuldades de integração à sociedade brasileira, o fluxo pode se intensificar ou não. Um fator relevante referente a esta configuração, é por exemplo, a diferença de trabalho exercida anteriormente pelo migrante no Haiti e após sua chegada ao Brasil. Na maioria das vezes, mesmo com qualificação, estes migrantes exercem trabalhos nos quais as mesmas não são levadas em conta, mas têm que se adaptar e se sujeitar, o que futuramente pode também gerar uma migração de retorno.

No caso dos entrevistados que estavam trabalhando no Haiti antes da emigração, é importante notar que 22% deles dizem ter exercido sua profissão no setor de educação, como professores, o que indica que muitos profissionais qualificados chegam ao Brasil. No entanto, aqui eles não encontram oportunidade de trabalho de acordo com a sua qualificação profissional, devido à dificuldade do não reconhecimento do seu diploma. Os que não exerciam atividade laboral se declararam como estudantes que somam no total de 9% dos entrevistados. (DAYRELL; SILVA, 2015, p.34)

### ***3.2.3 – Avaliação do processo migratório pelos relatos dos imigrantes haitianos entrevistados pelo Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”***

Buscando identificar os motivos que levaram os haitianos a migrarem para o Brasil, tanto entre as mulheres quanto entre os homens dos grupos focais<sup>25</sup>, as avaliações finais do projeto migratório apresentam contradições. Alguns imigrantes ressaltam o aprendizado e o amadurecimento com o enfrentamento das dificuldades, a valorização da família e dizem gostar do Brasil. Falam de não arrependimento. Outros, porém, ao mesmo tempo em que demonstram saudade do seu país de origem, Haiti, manifestam desejo de retorno apenas para visitar à família, lamentam as perdas no trajeto e as dificuldades, especialmente com o idioma português e os salários no Brasil. Reconhecem, no entanto, que o Brasil é um país acolhedor e cheio de oportunidades, além de revelar que percebem o esforço das autoridades brasileiras para legalizar a situação dos haitianos. (FERNANDES, *et al*, 2014)

Os relatos a seguir demonstram os sentimentos dos haitianos em relação à vinda para o Brasil:

*“Eu estou no Brasil agora e eu estou muito feliz, mesmo que eu não trabalhe ainda. Às vezes eu acordo chorando porque eu não vejo a minha família, mas agora estou junto com vocês, eu fico feliz em estar aqui neste lugar; eu estou com essas mulheres aqui, elas me dão coragem. Eu estava chorando hoje de manhã, mas eu gosto muito daqui porque as pessoas daqui têm respeito para com a gente”. (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

*“Chegamos aqui no Brasil na verdade sem nada, nós fomos recebidos pelos brasileiros de braços abertos, acompanhamento, quando o haitiano chega aqui, ele tem que ficar três dias na rodoviária esperando ajuda de um outro colega”. (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

*“Vir ao Brasil é um sonho para mim, porque dizem que aqui tem trabalho, eu passei em vários lugares antes de chegar aqui e eu vou ficar. Mas não queria isso nesta condição, eu queria vir pelo futebol e também para trabalhar”. (Migrante masculino, Curitiba/PR).*

*“Depois de quatro meses o meu nome saiu para o visto de permanência, com dez meses eu já tinha um visto de residência”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO)*

*“Já fui em outros países e tive dificuldades e o Brasil é o primeiro país do mundo que facilitou os papéis para legalizar os haitianos”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

---

<sup>25</sup> Os relatos dos grupos focais que são apresentados nesta sessão passaram por um processo de tradução e transcrição do *créole* para o português. Buscou-se manter o máximo possível o formato original das falas, que em alguns momentos poderão não seguir o melhor formato de expressão em português.

*“Eu tiro o chapéu para o Brasil, pois foi o primeiro país a fazer isto. Cheguei aqui e consegui o CPF, carteira de trabalho e outros documentos. Até a República Dominicana não faz isso por nós”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

*“Eu gosto do Brasil porque o povo daqui gosta de nós”. (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

*“[...] mesmo que você não sabe falar o português, você sente que eles têm vontade de conversar com você, e por isso que eu gosto do Brasil”. (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

*“Desde que cheguei, consegui uma professora que falava também francês; eu procurava conviver com brasileiros, falava com as pessoas e aceitava as correções. Na fábrica onde trabalho são só brasileiros”. (Migrante feminina, Manaus/AM).*

*“Eu tinha uma casa, e eu vendi ela por USD 5.000,00 para vir aqui, eu estou me perguntando quando que eu recuperarei este dinheiro. Eu choro mesmo, eu nunca recuperarei meu dinheiro”. (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

Falam também da situação em que o Brasil seria somente uma escala no processo migratório, que teria outro objetivo. (FERNANDES *et alia*,2014)

*“Eu queria ir aos Estados Unidos para ver minha família, mas não tenho condições, por isso fico no Brasil”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao abordarmos o tema estrangeiros, imigrantes ou emigrantes, a perspectiva de proteção aos seus direitos pressupõe a compreensão do conceito de cidadão numa visão de cidadania universal, que não está vinculada e nem é sinônimo de nacionalidade. Independentemente das razões e da instabilidade gerada no país receptor, a mobilidade e o deslocamento não justificam qualquer desrespeito aos direitos humanos, anteriores a qualquer lei ou fronteira geográfica e política e os direitos culturais e sociais, e não podem ser condicionados a um único fator, qual seja o da nacionalidade ou da emigração. A liberdade de mobilidade e deslocamento são direitos de uma cidadania intrínseca ao ser humano – uma cidadania universal - que não pode ser

confinada a fronteiras legais cada vez mais restritivas, decorrentes de uma visão estereotipada, mercantilizada e que só observa um aspecto parcial do próprio ser humano.

Devido a situação inusitada de um fluxo que se inicia e intensifica-se de forma gradativa, a demanda por mudanças estruturais nas políticas migratórias do Brasil se fazem urgentes. É necessário que as instituições se unam em convergência para sanarem os problemas relativos a inserção dos imigrantes num contexto mais amplo e de longo prazo, acomodando esta mão de obra dentro de um plano de desenvolvimento do país, para que haja uma contrapartida positiva no âmbito doméstico também, pois uma vez com o CPF (Cadastro de Pessoa Física na Receita Federal) - eles precisam ser inseridos num contexto de cidadania para não permanecerem como estrangeiros por prazo indeterminado. A integração destes migrantes à sociedade também carece de políticas públicas específicas que contemplem o fato de que podemos e devemos integrá-los para que façam parte de um desenvolvimento do país, o que já aconteceu no passado com outras ondas migratórias.

Com relação à pergunta de partida desta pesquisa, a motivação que levou o Brasil a se tornar destino permanente deste fluxo a partir de 2010, e de muitos outros, visto que a imigração haitiana no Brasil é a de maior vulto, mas a diversidade de nacionalidades preferindo este destino é considerável, provando existir uma conjuntura favorável e atrativa com relação ao Brasil no início do século XXI que corrobora nesta direção, mas que de acordo com o que foi apresentado no texto, a emergência do país num momento de fragilidade perante a crise nos países desenvolvidos se dá de maneira assertiva e não por acaso, com uma política externa voltada para o exterior, buscando uma inserção do Brasil no cenário internacional de forma pensada e calculada para que os frutos fossem colhidos a médio e longo prazo. Em contrapartida, no âmbito doméstico pouco foi feito para ajustar esta demanda e com relação a sociedade civil existe uma distância em perceber as vantagens de receber estes imigrantes, diante dos inúmeros problemas já enfrentados em todos os serviços que o Estado brasileiro presta a população e que o Brasil, apesar de ser um país rico e de ter tirado muitas pessoas durante o mesmo governo Lula da pobreza extrema, são dois lados da mesma moeda, a articulação entre política externa e a formulação de políticas públicas ainda é ineficiente.

A falta de continuidade nos projetos devido a mudanças na política após cada eleição também impedem um plano migratório eficaz que agregue a força de trabalho do imigrante de maneira a se alcançar um maior desenvolvimento do país e dessa forma aplacando os problemas com xenofobia e evasão de divisas pelas remessas ao exterior, uma vez que se o imigrante recém chegado ao país se estabeleça de forma adequada e estruturada, num segundo momento trará sua família e todos trabalharão para o desenvolvimento do país de destino, integrados e

vivendo como cidadãos, usufruindo da proteção do Estado e contribuindo para o crescimento deste como capital humano.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Alan S., and Andrew Fenton COOPER. *Rising States, Rising Institutions Challenges for Global Governance*.

ARANGO, Joaquín, “*La explicación Teórica de las migraciones: luz y sombra*”, Migración y Desarrollo, núm. 1 Octubre de 2003.

BARALDI, Camila. **Cidadania, migrações e integração regional - notas sobre o Brasil, o Mercosul e a União Europeia**. 3º Encontro Nacional da ABRI – Governança Global e Novos Atores n. 1 v. 1 2011.

CAVALCANTE, Leonardo. **Imigração e Mercado de trabalho no Brasil**: Características e tendências. Cadernos OBMigra: Migração e Mobilidade na América do Sul. v. 1, n. 3 2015.

CARVALHO, José Alberto M. **Migrações internacionais do Brasil nas duas últimas décadas do século XX**: algumas facetas de um processo complexo, amplamente desconhecido, Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional sobre Migrações, Rio de Janeiro 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTLES, S. e MILLER, M. **The age of migration**: international movements in the modern world. London: Guildford, 2003.

CEPAL. **Globalização e desenvolvimento**. Documento elaborado pela Secretaria da CEPAL para o vigésimo nono período de sessões da Comissão. Brasília, maio de 2002.

CHAVES, Elizeu. **Um olhar sobre o Haiti**: refúgio e migração como parte da história. LGE Editora. Brasília. 2008.

COSTA, Pe. Gelmino A. Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora! **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo, n. 70, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília. 5 de outubro de 1988. Disponível em < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) >. Acesso em: 15 mar. 2016.

DAYRELL, Flavia C. S.; da SILVA, Sandra R. M. **A Imigração Haitiana na cidade de Contagem/ Região Metropolitana de Belo Horizonte**. TCC apresentado ao Departamento de Serviço Social/Instituto de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte /MG, 2015.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS, ONU, 1948.

FARIA, Andressa V. **A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia- Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, 2012.

FERNANDES, Duval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna; do CARMO, Vanessa. **Migração dos haitianos para o Brasil a RN nº 97/2012: uma avaliação preliminar**. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, vol. 8 nº 8 IMDH/ACNUR. Brasília. 2013. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, vol. 8 nº 8 IMDH/ACNUR. Brasília. 2013.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação G. Projeto “ **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**”. Brasília .2014.

FERNANDES, Jéssica. **Operação Haiti: ação humanitária ou interesse político para o Brasil?** Conjuntura internacional. nº 22. PUC Minas. 2010.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Cia Editora Nacional. 1967.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. 5ª. Ed. – S. Paulo: Edições Loyola, 1992.

HUELSZ, Cornelia **Middle Power theories and emerging powers in international political economy: A case study of Brazil**. PhD thesis. Manchester: University of Manchester.cf. Caps. 2009.

IANNI, O. **Globalização: Novo paradigma das ciências sociais**. **Revista Estud. Av**, São Paulo, v.8 n.21, maio/ago. 1994.

JORDAAN, Eduard. *The concept of a middle power in international relations: distinguishing between emerging and traditional middle powers*. Politikon, 30:1, 165-181. 2003.

KRITZ, M., L.L.Lim e H. Zlotnik. *International Migration Systems. A Global Approach*. Oxford: Clarendon Press. 1992

LOUDOR, Wooldy Edson. **Uma história paradoxal**. In Haiti por si: a reconquista da independência roubada. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, p. 14 e 29.

MASSEY, D. et al. *Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millennium*. IUSSP, New York: Oxfordpress. 2009.

MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1996.

- MARINUCCI, R.; MILESI, R. **Migrações internacionais**: em busca da cidadania universal. *Sociedade em Debate* ( UCPel ), v. 11, p. 13-38, 2005.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *The Commitment of Return*: Remittances of Brazilian Emigrés. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- MERLE, Marcel. **Sociologia das Relações Internacionais**. Editora UNB, 1981.
- MIYAMOTO, Shiguenoli. **A Política Externa do Governo Lula**: Aspirações e Dificuldades. Ideias nº 3/ nova série/ Campinas SP, 2011.
- MRE - Ministério das Relações Exteriores. **Brasileiros no mundo**. Estimativas. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.
- NOLTE, Detlef. **How to compare regional powers**: analytical concepts and research topics. *Review of International Studies*, Volume 36, 881–901, 2010.
- OLIVEIRA, M. M. **A mobilidade humana na tríplice fronteira**: Peru, Brasil e Colômbia. *Estud. av.* vol.20 no.57 São Paulo Maio/Agosto. 2006
- PAIVA, O. C. **Migrações internacionais pós segunda guerra mundial**: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 de setembro de 2008.
- PALAU, T. *El Marco expulsivo de la migración paraguaya*. Migración interna y migración externa. In HALPERN, Gerardo. *Migrantes; perspectivas (criticas) em torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Asunción: Ape Paraguay Migrantes, 2011.
- PATARRRA, N. L., **Migrações internacionais**: teorias, políticas e movimentos sociais. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005
- PIORE, M.J. *Birds of Passage: Migrant Labor in Industrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- RATHA, Dilip e SHAW, William. *South-south migration and remittances*. Washington: World Bank, 2007.
- RELATÓRIO ULTRAPASSAR BARREIRAS: Mobilidade Humana e Desenvolvimento Humano (ONU, 2009).
- REZENDE, C. A. **O Esporte Na Política Externa Do Governo Lula**: O Importante É Competir? *Meridiano* 47 11.122 (Nov/Dec 2010): 42.
- RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia Cultural**: seu papel na política externa brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; IPRI, 2011.
- SALES, Teresa. "O Trabalhador Brasileiro no Contexto das Novas Migrações Internacionais". In: *O Trabalho no Brasil no limiar do século XXI*, São Paulo, LTr, 1995 -



Vários Autores.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SASAKI, E. M. Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.) *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SASSEN, S. *The mobility Labor and Capital*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

SILVA, S. A. **Costurando sonhos**: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney A. *Brazil, a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the brazilian immigration policy*. In: *Urbanities*, Vol. 3 nº 2 November 2013.

TILLY, C. *“Transplanted networks”*, in Virginia Mclaughlin (ed.), *Immigration reconsidered: history, sociology and politics*, Nova York, Oxford University Press 1990.

TRUZZI, O. **Etnias em convívio**: o bairro do Bom Retiro em São Paulo *Revista Estudos Históricos*. Uma publicação do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV) 2001.

PALAU, Tomás, e M. CASTRO. **"Brasiguaios."** *Migrações internacionais: contribuições para políticas* (2001): 345-360. CNPD. Brasília

WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System. Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press. 1974.

### Sites Visitados

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatística/população/censo> 2010. Acesso em: mar. 2015.

IMDH, página web: [www.migrante.org.br](http://www.migrante.org.br) ; acessado em novembro de 2015.

Ministério do Trabalho e Previdência Social < <http://www.mtps.gov.br>>; acessado em março de 2016.

MINUSTAH. About us. Nova York, 2013. Disponível em: < <http://en.minustah.org>>. Acessado em 20 mar 2015.

WORLD ECONOMIC SURVEY: <http://www.un.org/esa/analysis/wess/>. Acessado em 20/09/2014.

